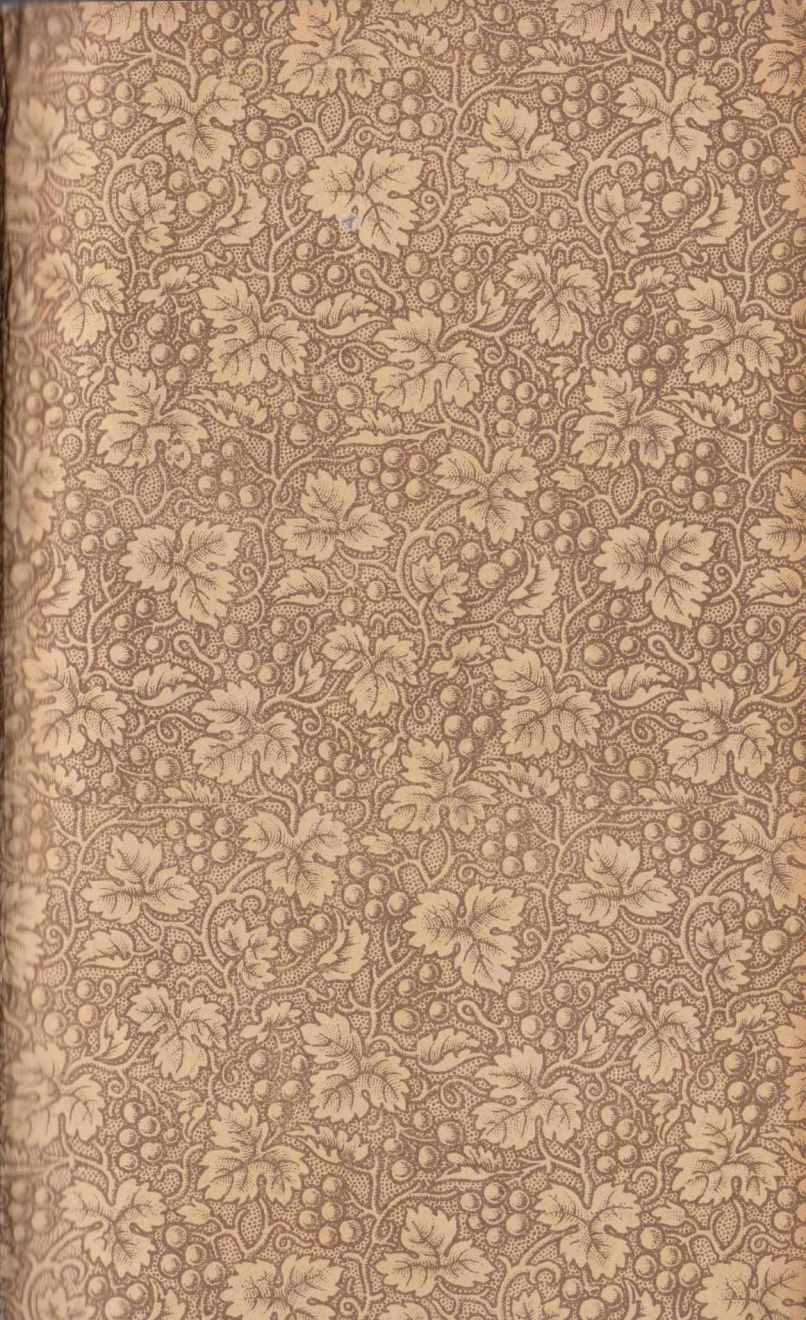


Obras Completas
de A. J. de Castilho

EMPRESA DA HISTORIA DE PORTUGAL
SOCIIDADE EDITORA
LIVRARIA MODERNA || TYPOGRAPHIA
95, R. Augusta, 95 || 45, R. IVENS, 47
LISBOA





OBRAS COMPLETAS
DE
ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

VOLUME 17.º

VOLUMES PUBLICADOS:

- I — AMOR E MELANCOLIA.
- II — A CHAVE DO ENIGMA.
- III — CARTAS DE ECCO E NARCISO.
- IV — FELICIDADE PELA AGRICULTURA (1.º v.)
- V — FELICIDADE PELA AGRICULTURA (2.º v.)
- VI — A PRIMAVERA (1.º vol.)
- VII — A PRIMAVERA (2.º vol.)
- VIII — VIVOS E MORTOS — Apreciações moraes, litterarias, e artisticas.
- IX — VIVOS E MORTOS (2.º vol.)
- X — VIVOS E MORTOS (3.º vol.)
- XI — VIVOS E MORTOS (4.º vol.)
- XII — VIVOS E MORTOS (5.º vol.)
- XIII — VIVOS E MORTOS (6.º vol.)
- XIV — VIVOS E MORTOS (7.º vol.)
- XV — VIVOS E MORTOS (8.º vol.)
- XVI — EXCAVAÇÕES POETICAS (1.º vol.)
- XVII — EXCAVAÇÕES POETICAS (2.º vol.)

NO PRÉLO :

- XVIII — EXCAVAÇÕES POETICAS (3.º vol.)

OBRAS COMPLETAS DE A. F. DE CASTILHO

Revistas, annotadas, e prefaciadas por um de seus filhos

XVII

EXCAVAÇÕES POETICAS

VOLUME II



LISBOA

EMPRESA DA HISTORIA DE PORTUGAL

Sociedade Editora

LIVRARIA MODERNA

TYPOGRAPHIA

Rua Augusta, 95 || 43, Rua Ivens, 47

1904

XXXV

OS SONHOS

¿Recordas-te, ingrata,
quando eu te dizia,
que em sonhos Armia
cedia aos meus ais?

Sorrias, córavas,
fugias, juravas
que nunca os meus sonhos
seriam leaes.

Armia, esta noite,
segundo o costume,
tornei co'o meu nume,
tornei a sonhar.

Qual és, eras rosa,
gentil, espinhosa,
sem par nos rigôres,
nas graças sem par.

Dou graças ao fado,
já sonho esquivança;
já luz esperança
no meu coração.

Tu juras que em sonhos
só ha falsidades,
e nunca deidades
juraram em vão.

XXXVI

AO POVO

NAS ELEIÇÕES DE 1834

Depois do que já n'este volume tenho ponderado e confessado, mais de uma vez, dou por ocioso enfadamento fazer um preâmbulo a esta epistola.

Que toda ella me sahiu do coração a trasbordar sincero amor da Patria, e de um espirito ainda cheio de fé politica, se quem lê estes versos o não adivinha, sei-o eu pelo menos com toda a certeza. Que a maior parte dos conselhos, que se aqui davam, eram muito de receber, e provavelmente o serão ainda d'aqui a cincoenta annos, é uma verdade irrefragavel; mas não menos o é que o meu enthusiasmo liberal produziu mais declamação que poesia, chegando ao desaccôrdo de falar ao Povo em punhaes; porque se o punhal do poeta é como o do actor tragico, que ao ameaçar o golpe se engole pelo cabo dentro, e o sangue, que depois mostra, é só pintado a óleo, o do Povo é algumas vezes de aço fino, e entra a valer. Ainda que se não fale senão a gente como esta

nossa, tão bondosa e pacifica de seu natural, sempre é perigosa temeridade o lembrar-lhe violencias, seja qual fôr o fim que por ellas se antolhe; e se isto é a respeito de versos ; que se não poderia dizer a respeito da prosa, que ainda corre por peiores mãos!? Em prosa porém, Deus louvado, nunca eu me lembro de haver mettido semelhantes coisas.

Lyra do patrio amor, deixa toada
longa nos corações, e eu te penduro,

dizia eu rematando este escrito. Toada longa não a deixou ella, sem embargo de duas consecutivas reimpressões; mas quanto ao pendural-a, pendurei-a, que de versos politicos não tornei a fazer, que me lembre, senão uma pequena facécia, que ahi ha-de vir algures adiante, sob o titulo de *Elegia á morte da Chronica*, e alguns outros nada volantes.

EPISTOLA

¡Povo, ó nobre sem fausto, ó rei sem jugos!
Vate plebeu, que de plebeu se présa,
te envia o pensamento, o amor, e os sustos.

Povo, tu volves triumphante aos lares,
que emfim remiste; e, mal deposta a lança
inda vertendo sangue, inda não sêcco
teu suor generoso, ¡eis novos p'rigos
te estão chamando a campo! Ardua foi ella
a c'roa de laureis, com que te ornaste;
mas unir-lhe é mistér outra, e mais ardua,
a do carvalho cívico. Pugnou-se
grande batalha sôbre a propria campá,
e venceu-se. Inda a arena escorre em sangue;
já nova liça tens, contrarios novos.
Em cego inextricavel labyrintho,
reino e mansão do enrêdo, ímpios te aguardam
em graciosas máscaras occultos.
Farão' por desunir-te; e de êrro em êrro
conduzindo-te incauto, inerme, illuso,
darão contigo em não sonhado abysmo;
e acordarás, mas tarde, ao som do escarneo
dos oppressores teus. ¡Vá longe o agoiro!
inteiro os Ceos aos perfidos o volvam.

Vingaste, mereceste a Liberdade;
¡mas tenl-a certa ou firme? Alerta, ó Povo,
que os inimigos teus andam alerta.

Em masmorras gemer; dormir por furnas;
peregrinar o globo; errar mendigo;
velar sob uma abóbada estrondosa
de ferro e fogo, a desabar contínua;
retingir de alto sangue o mar e os campos;

ver meio destruída a patria herança...
¿quem o soffreu para comprar senhores,
hoje senhores e ámanhan verdugos?
Salvar-te, ou perecer, de ti depende:
de teus suffragios a terrivel urna
vai conter, pensa-o bem, teu fado inteiro.

¿Que farás pois? Devotamente insano,
¿julgarás tu bastante, em teus comicios,
segundo a antiga usança, invocar deuses?
¿como fraca mulher n'um lance estreito,
da Providencia aos braços arrojarte,
e adormecer? Invoca, invoca os numes
Virtude e Liberdade. O altar, o fogo,
os oraculos seus nos Ceos não moram:
Deus os poz dentro em nós, seu templo é na alma.
Liberdade e virtude nos revelem
de seus ministros, qual lhe apraz a escolha;
¿e ai de ti se inspirado a não confirmas!
¿Ai de ti, Povo, que ultrajar impunes
a numes taes nunca homens o podéram!

Respeitoso e tremendo eu me recolho
n'este templo interior; e á luz perenne
com que Deus nol o aclara, estudo a lista
de homens nascidos para bem dos homens.
Sob esta vasta abóbada mil vezes,
tristes, vagos, propheticos murmúrios,
veem agitar-me, e eu digo:—¿A terra Lusa,
a terra dos heroes, dada a perversos!
¿Nunca ha-de amanhecer a glória em Lysia
apoz noite de seculos? Mentiu-nos
quem glória nos cantou de antigas eras;
das conquistas a página foi ampla,
a de expiações maior. Tropheos injustos,
palmas de latrocinio, o sangue e o pranto

de povos fracos nas extremas do orbe,
foram crimes de avós, são pêjo aos netos.
Gritos d'essas nações aos Céos voaram,
e um vento eis dos tropheos nos varre o globo.
Glória de Liberdade era mais bella.
Hoje sôa em voz alta a Liberdade,
e ella vai grande risco; e talvez breve,
se zêlo em cidadãos não se afervora,
nos abandone, ou, desertando as praças
como proscrita, pávida se acolha
aos penetraes mais intimos dos seios.
Muito ha que a sua luz, qual sol do outono,
ora brilha serena, ora se ennubla;
e ha mais de um ponto escuro no horizonte,
que darão tempestade, se conjurios
de popular suffragio os não removem.
Removam-se. Nação, que tanto ha feito,
fará tudo, que o deve, e o póde, e o ousa.

Pensae que hoje a ventura anda de perto
off'recendo-se a nós risonha, facil,
mais que a povo nenhum: quebrou-se o antigo
dúplice talisman, sob Ara e Throno
por impostoras mãos depositado;
no somno dos grilhões ganhámos forças,
que inda inteiras estão; que vão crescidas
com o longo triumphar; ao clarão vivo
do facho da discordia assoladora,
rostos, nomes de amigos, de contrarios,
de ambiciosos, de heroes, de escravos torpes,
de indiff'rentes, de pérfidos, de todos,
se estudáram, se apontam, se repetem;
e por bem derradeiro, externas luzes,
feliz compensação do atroz destêrro,
vieram, confluindo ao Téjo absôrto,
revelar-nos de glória estradas virgens.

Povo grande, por ti, não por teu sólo,
Povo, agora teu rei, concebe coisas
dignas do applauso do Universo attento:
concebe ver-te irmão dos povos justos,
não pupillo dos barbaros; concebe
que os teus costumes refloresçam puros;
que á mente e ás expressões da mente humana
seus vãos naturaes se restituam;
que se anteponha a codigos sagrados
da usurpadora Roma um jus mais santo,
que sem pesar na terra aos Céos a ligue;
que a sciencia te illustre, ornem-te as artes;
a cultura feliz cubra as planicies
de searas, de aldeias, de rebanhos,
de florestas e sombra as serras nuas,
as collinas de pâmpanos e abelhas;
que engenho industrioso aumente as forças;
que o ledó, o convival commercio activo
de rios, de canaes, de estradas amplas,
urda seus laços de oiro a terras êrmas;
que tributos inuteis, vexadores,
não roubem mais o sangue aos que te servem,
para o dar de banquete a quem te esmague;
que fuja de uma vez co'a van preguiça
a chusma inerte, que mendiga errante,
tedio a si, pêso aos maís, e infamia á Patria;
que aos das altas funcções, uteis embora,
não sóbre o nectar e ambrosia, emquanto
falte um pão negro ao que suou nas terras;
que de estaveis exercitos custosos
tanta vez em leilão, pender não deve
a salvação da Patria, e sim que as armas
defensoras do Povo, ao Povo tocam;
que nenhum de teus árbitros, que fossem
da Liberdade apóstatas, escape
como réo no teu fôro a dar-te contas;

concede destramar tenções damnadas;
concede tudo grande; escolhe os dignos,
em que o zêlo, o saber, a audacia fervam,
e tudo grande coroará teus votos.

Mas, Povo, n'este mar onde ora embarcas,
ha syrtes, ha parceis, ha monstros negros,
e proa não velada acha naufragios.
A baixa seducção virá primeira
co'a virtude na voz, nas mãos a bolsa,
tráfico de infortunio em tom sumido.
Alma de Luso não se troque a oiro.
Podem vender-se o lar, o predio avito,
a árvore paterna, o proprio leito;
mas o que em sangue dos irmãos pagaste
para t'o herdarem filhos, é thesoiro,
que se não vende ou cede.

Outros, tentando
a crédula ambição com dextas falas,
hão-de apontar-te os cumes dos favores:
a futura medalha, a pingue renda,
o accesso livre aos porticos dos grandes,
e a officiosa pasta abrindo graças.
¡Ah! ¡quão mal pagam frivolas esp'ranças
o bem certo de livre entre homens livres!

Mais perigosa astucia acharás n'outros
sem promessas nem dadivas: só falam
no bem publico e em si. Vão n'essa conta
poucos leaes; grão numero te engana.
Pensamentos sondar fôra chimera;
mas interroga acções, folheia tempos,
tira do homem passado o homem futuro.
Ter combatido a Usurpação não basta:
¿que fizera até ali? ¿apoz que ha feito?
¿Provou n'um tempo e n'outro amor á Patria?

¿sympathia co'a plebe? ¿alma nervosa?
¿Por um cálculo vil não veio á luta?
quando n'ella egualdade proclamava,
¿não sonhava elevar-se? Ouviu-se (je a quantos!)
«Viva o Povo!» era o dia do conflicto...
passa o conflicto, e afastam-se do Povo:
requestam distincções; namoram fitas;
levam á escala os cargos, a opulencia;
da choça natalicia erguem palacios;
e em coche insultador, troando as ruas,
co'o pó, que encheu seu berço, o Povo alagam.
Não, riqueza e poder não dou por crimes,
mas poder orgulhoso é crime insano,
e orgulhoso, sem meritos por base,
para bons, para irmãos, nenhum mais negro.

Povo, que aras a terra, e descuidoso
só escutas o balir dos teus rebanhos,
só vês o céu e a fonte, a messe e a vinha;
tu, que estes chamam barbaros, e os nutres,
vela por ti; mais altas novidades
que as das promessas do anno ora te occupem:
vela por ti, bradamos t'ó, que é tempo.
Elles o hão dito em seu conselho de ímpios:
«—Invadâmos o campo, e a qualquer preço
«extorquâmos o voto á gente rude,
«pois nol o negam cá; temos palavras
«de embahir, temos cofre, ameaças, nome,
«a lisonja, o mentir, e agentes habeis.
«Feito é, partâmos.» — Subito partiram.

¿Signaes desejarás por que os estrémes?
Mas Protheu, que em cem fórmás se desmente,
não ha pintal-o. Treme dos *doirados*,
que por primeira vez te acariciam;
treme d'aquelle, que ao serão da aldeia

só te fala de principes, de grandes;
e mais, quando elle mesmo é já subido;
treme dos que á paixão de Liberdade
raia estreita marcando, accusam n'outrem
como excesso e loucura o zêlo ousado.
Limites á virtude é crime o pôl-os.

Ante Elysios e Averno, árvore immensa
fabulou Musa antiga: em ramos de oiro
aurea fruta lhe pende; a mãos que a busquem
não mandadas do Céu, resiste immovel;
mas se heroe, caro a Jove, e em cujo peito
arde a virtude, que o remonta aos astros,
acertou de passar, pomos e pomos
nas attónitas mãos lhe estão chovendo.
;Povo, esta árvore és tu, plantada á frente
do alto alcáçar das leis; homem não póde,
sem que obtenha teu fruto, entrar-lhe as portas.
Não t'o deixes roubar, mas lança-o facil
aos mimosos do Céu, e aos teus mimosos.
Procura os que logares não procuram,
o que á vanguarda, á hora dos combates,
nas brigas da ambição não corre ás filas;
que obscuro cumpre a lei, detesta a força,
tirannos nem quer ter, nem ser tiranno;
este sim, que é do Povo, e digno d'elle.
Procura os que já bons, entrando em ferros,
mais dos ferros no horror se acrisolaram;
procura os que, deixando os patrios muros,
peregrinos, por terra de estrangeiros,
nos andaram sciencia enthesoírando,
em quanto os mais, ou fôfos volteavam,
ou com o feio de acções nos deslusiavam,
ou suppondo polir-se, o unico estudo
punham no perverter seus patrios modos,
o traje, a meza, o somno, o amor, e a lingua.

Estes, do chão natal profanadores,
longe do pensamento. Os outros se amem,
que amaram só do extranho o que nos sirva,
nunca o seu jugo.

¡Oh! ¡quem me remontára
de bronze a lyra, e me doára plectro
que troasse louvor, troasse infamia;
que dêsse em vivos sons o amor da Patria,
qual me arde n'alma! A's aguias dos Romanos
fizemos frente nós; perdido o raio,
revoaram para o Tibre espavoridas;
nas tôrres nossas eclipsada a lua,
desterrámos, á espada, o Moiro ousado;
co'os Ibéros leões arremettemos,
fugiram; nova Roma, novas aguias
vôam do Sena ovante, e Lysia as prostra.
E gente do orbe inteiro dividida,
só de si mesmo idólatra, uns feroses
pescadores do Oceano, que a nós devem
muita da força que os tirou do remo,
¡hãode sem armas conquistar-nos? ¡Pêjo,
pêjo a nós, se inda a dextra vexadora
beijarmos d'esses tímidos! ¡Oh! vêde-os
por entre nós a pavonar-se altivos,
qual senhor entre escravos! Allianças
de ovelha com leão, não mais, ó Povo.
Quem teu solo possue, teu céu, teus mares,
tão vasto engenho e mãos, não necessita
de avarento tutor; já tens, ó Patria,
rasão, maioridade, experiencia;
procura amigos, protectores nunca,
ou, se houveres de os ter, quaesquer, não esse.
Treme dos pusillanimes ou nescios
que t'ó crêem necessario; o teu Senado
com tão baixos Solons não prostituas.
Essa Albion, tua amiga, a sócia tua,

quem sabe o que já agora anda minando
com o oiro que foi teu! ;Ah! salva ao menos
a consciencia e o voto omnipotente.

Se á lista de p'rigosos inimigos
podem juntar-se miseros, ó Povo,
não te deslembre que te cercam densos
os sectarios do monstro impunes, soltos:
janisaros, agás, derviches, imans,
até visires. Pêjo não, mas susto
da consciencia má força-os por ora
a se esconder: são dentes enterrados
do dragão morto, mas peçonha negra
inda os anima; e se hoje inda não surgem
com medo ao ferro a te arrancar teus votos,
aguardam tempo idóneo, em que rebentem
como os de Cadmo, intrépidos e armados.
N'esses vis corações, atos avernos,
que de furias não vão! Povo, confunde-os
de teu juiso no terrivel dia.

E se algum, mais insano, ousar seu voto
na assemblêa da Patria, que renegam...
se elle o ousar, pois que a lei não previu tanto,
possa o livre punhal voar-lhe ao peito.

Povo, horas de estudar na consciencia
a Musa não t'as roube, a joven Musa,
que ás delicias de amor, que aos paphios bosques,
onde segura modulára ás nymphas,
prefere sons tyrteus, harmodios cantos,
p'rigos nobres a insipidos applausos,
glórias de um Povo a fábulas viçosas.
Por derradeiro adeus ella te brada
que um voto ás vezes só, rompe o equilibrio
á eleitoral balança, inda suspensa;
que de um eleito ou não, depois resulta

mais ou menos pendor na grão balança,
onde legislador, supremo genio,
bem ou mal, vida ou morte, ás nações pésa.
Cuidae-o em vós... e estremecei do encargo.

!O momento é solemne, o quadro augusto!
o cidadão nos lares seus medita
sôbre um mudo papel sentença á Patria.
Erra a pluma entre os dedos temerosos;
o coração palpita; a mente vôa
de nome a nome, e pára: ¡oh! ¡por que é isto?
E' porque lhe andam na alma a estância cara,
o seu pomar, o rio conhecido,
a amante, o pae caduco, a espôsa, os filhos,
o que tem e o que espera, o nada, o tudo.

Mas se affeições domésticas são muito,
ha deveres que o vivo aos mortos prendem.
Julgue elle que na escolha o presenciam
tantos, por mar, por terra, a ferro, a fogo,
perdidos; tantos miseros finados
por hospitaes, por carceres, por brenhas;
tantos em vil supplicio estrangulados;
tantos da fome vîctimas, e tantos
que ostracismo peor gastou por longe.
Creia ouvir estes pallidos phantasmas,
nos derradeiros ais pedir vingança;
lembre-se que hoje occultos sob a terra,
foram nossos irmãos, e á superficie
patente o seu quinhão cá nos deixaram;
que a herança encargo traz: o defendê-la
da tyrannia algoz; e que é terrivel
á consciencia a citação do morto.

Possa o vil cidadão, que, ou se defraude
do alto jus do suffragio, ou friamente

lá o exerça á ventura, ou criminoso
mande sicarios por campeões á Pátria,
possa não ver mulher sumida em lutos,
nem cadaver passar, nem lá por sôtãos
sentir vagidos de ignorado infante,
que um remorso pungente o não salteie,
que lhe não lembrem pallidas viúvas,
orphãos tristes, e os martyres da honra:
Possa nas horas, em que os mais repoisam,
tresvaliar continuo a ver batalhas
de sete contra oitenta, em mar de fogo;
corpos a debaterem-se nas fôrcas;
cabeças sobre postes, denegridas,
mudas, olhos em alvo, ondeantes comas;
crer-se em masmorras, ver as portas duras
fracassadas baquear-se, entrar com fachos
tropel de matadores, perseguil-o
de canto em canto, desfechar-lhe ás cegas
ao som de um rir feroz, golpes e golpes,
e elle cahir... e despertar no Averno!

Lyra do patrio amor, deixa toada
longa nos corações, e eu te penduro.

XXXVII

HYMNO

Cantado no Real Theatro de S. Carlos
a 31 de Julho de 1836
anniversario do juramento da Carta Constitucional

Co'a mão sobre o Evangelho
a Carta foi jurada,
hoje co'a mão na espada
tornâmol-a a jurar!

Armas, armas! Pendão fratricida
lá ressurgê, lá sôa a rebate.
Marcha, marcha! Victória, e combate,
Povo livre não sabe estremar.

Sahí das ímpias furnas,
tigres por nós vencidos;
não fóge dos rugidos
quem garras affrontou.

Guerra, guerra, se os ímpios a querem;
seu rei monstro proclamem de novo;
das victórias é Deus o do Povo,
que os perdões em vingança trocou.

Novo congresso inflúa
qual sol a claridade;
co'a força a liberdade,
co'a liberdade o amor.

Mas se guerra cumprir, guerra, guerra!
Co'as borrascas a palma floresça:
;Pedro, e ávante! Qual pó desapareça
de uma vez o vil bando traidor.

XXXVIII

O QUADRO ANIMADO

(ANACREONTICA)

Tu, cuja dextra engenhosa
de Phebo aos cantos igual
cria prodigios sem conto,
da Natureza é rival;

cujo pincel, dirigido
á voz do engenho fecundo,
sabe n'um quadro pequeno
juntar as graças do mundo;

a cujos toques divinos
do nada se vêem saltar
terra, prado, oiteiros, bosques,
o céu vasto, o vasto mar;

pintor, escuta os meus rogos;
invoca as musas e amor;
e dos meus bellos desejos
faze o quadro encantador.

Pinta um valle, um valle ameno,
muito mais que os de Cythera,
todo inteiro alcatifado
dos mimos da primavera.

De copado bosque á sombra,
de fria gruta na entrada,
prepara aos filhos das musas
a mais risonha morada.

No meio dos meus amigos,
retrata-me n'esta selva,
perguiçoso e reclinado,
meio nú, na branda relva.

Meio nú, pois se é possível
ao teu pincel creador,
deves mostrar que este dia
é de importuno calor.

Alguns zephyros, brincando,
façam teu bosque ondular,
e as manchas de luz e sombra
incertas no chão girar.

Em nossas faces córadas
co'o fogo da mocidade
brilhe o sorrir da saude,
do prazer, da liberdade.

De cristal brilhante e puro,
que dos vinhos mostre as côres,
põe nos em roda garrafas
engrinaldadas de flores.

Haja um regato, mas longe,
mas com brando murmurinho,
por não perturbar os cultos,
as festas do deus do vinho.

Alguns mancebos cantando,
tracem danças engenhosas;
junquem macio terreno
ramos e c'rôas de rosas.

Volteiem, de ramo em ramo,
co'as aves gentis amores.
corram em busca das auras
os zephyros brincadores.

Occultas por traz dos troncos,
bellas nymphas da espessura
espreitem, conversem baixo,
e vejam nossa ventura.

Algun, vendo-as, se erga á pressa,
— «! Caça estranha, diga, é esta!
«se é certo existirem nymphas,
«temos nymphas na floresta.»

Sõe um grito; ergam-se todos;
ellas fujam perseguidas;
risos, palmas e clamores
as annunciem vencidas.

Pelos recantos do bosque,
pelas grutas dos oiteiros
«*victoria, victoria!*» cantem
os alígeros frexeiros.

Eu, no emtanto, eu só no prado,
em vez de occupar-me d'ellas,
me affigure a minha deusa,
que excede as deusas mais bellas.

Eu suspire, e o gnidio nume,
o deus do meu coração,
me appareça, m'a conduza
pela sua propria mão.

N'um transporte, n'um delirio
eu a abraço, eu lhe proteste
que de uma eterna alliança
o instante primeiro é este.

Raras palavras soltando,
de quando em quando, entre os beijos,
eu lhe chame a minha deusa,
o iman dos meus desejos,

a gloria da minha vida,
a fonte do meu praser,
o thesoiro da minha alma
o meu tudo, o meu viver.

O' pintor, se omnipotente
é teu pincel creador,
em nome dos ceos, desenha
este quadro encantador.

E tu, rainha de Gnido,
tu, cujo poder out'ora
soube fazer de uma estatua
a nympha mais seductora,

sorrindo, bafeja o quadro,
e se verá de improviso
converter-se em realidade
ao teu bafo, ao teu sorriso.

XXXIX

A TEMPESTADE

(ANACREONTICA)

Folhas e ramos partidos
revoluteiam nos ares;
a terra alveja co'as flores
dos nossos lindos pomares.

Os relampagos se accendem
de curto em curto intervallo;
do raio cahindo ao longe
retumba o medonho estalo.

Os reluzentes chuveiros
mudaram a terra em mar,
dos campos, ha ja tres dias,
tudo se viu desertar.

Não se encontra uma só ave
no labyrintho da selva,
nem um lavrador no valle,
nem um rebanho na relva.

Lilia, Lilia, a tempestade
recresce cada vez mais:
joves lá na serra o tórvo
rumorejar dos pinhaes?

São novos tufões; sahiram;
descem varrendo a montanha;
já o rio atravessaram,
que espuma ante a furia estranha!

Range o tecto ao pobre alvergue;
as duras paredes tremem;
muge o chão, vacilla a porta
nos velhos quícios que gemem.

¿Tu choras, Lilia? ¿tu choras
com mêdo da tempestade?
¿ergues as mãos desmaiada?
¿pedes aos numes piedade?

Vem, ó cara, e juntos ambos,
com devótos corações,
dirigiremos aos numes
fervorosas orações.

Esta fogueira brilhante
que occupa todo este lar,
nos suppra o fogo sagrado,
ardendo em solemne altar.

¿Mas qual rogarei dos numes?
os que eu conheço melhor:
de Jove os pequenos filhos,
doce Baccho, e meigo Amor.

O' deuses, piedosos deuses,
sempre amigos dos mortaes,
vêde as lagrimas de Lilia,
condoei-vos de seus ais.

Longe da minha cabana
levae os ventos funestos;
dos vossos rosaes e vinhas
poupae, ó numes, os restos;

tudo mais pereça embora;
mas á minha Lilia bella
deixae do mundo este canto,
e a mim o viver com ella.

Do meu candido rebanho
aqui seremos pastores,
felizes co'as nossas aves,
co'os nossos bosques e flores.

A vós ambos cada dia,
par divino e encantador,
daremos graças e cultos,
Baccho imberbe, e imberbe Amor.

¿Engano-me, ó Lilia?... escuta:
¿não sentes.... não é verdade?
os ventos já não ressoam;
foi-se ávante a tempestade.

Ri-te, ó Lilia, enxuga o pranto,
levanta os olhos ao ceo;
o sol, o sol apparece;
¿não finda o receio teu?

Os nossos numes protegem
aos corações seus devotos.
Desempenhemos agora
os meus, ó Lilia, e teus votos.

Eia, á pressa enche-me as taças;
bebo em honra ao deus do vinho;
enche outra vez; este nume
não soffre um brinde mesquinho.

Enche terceira; bebâmos...
que balsamo encantador!...
Vamos depressa, querida,
dar tambem o culto a amor.

XL

O CLARIM

(ANACREONTICA)

¿Que estrondo horrivel e agúdo
retine, estremece os ares?
¿Que argênteo clarim troveja
os rebates de Mavorte,
chamando heroes á peleja
para victimas da morte?

Nunca os labios, que te sopram,
aborrecido instrumento,
gozem do vinho, ou dos beijos;
Vulcano emfim te desfaça,
e para encher meus desejos
te converta em funda taça.

Terás então melhor uso;
não chamarás inimigos,
mas festival sociedade;
serás de rosas cingida,
farás brindes á amizade,
serás o encanto da vida.

Explicação acerca das poesias antecedentes

Muito enleado me houvera eu de ver, se quizesse dar cabal rasão d'estas chamadas *anacreonticas*, que evidentemente não passam de sonhos de acordado. D'entre borrões tão velhos me surdiram, que já não posso achar na memoria, o quando, o por quê, nem o para quê as fizesse. Algumas tiveram ha poucos annos a honra de apparecer no *Correio das Damas*; só por isso é que reapparecem agora aqui. Anacreonticas são-n-o tanto, como quasi todas as anacreonticas modernas. O bom velho de *Teos* foi o unico, innegavelmente, que as fez como devia ser: já o Horacio lhe ficou muito para baixo, e mais era um epicúreo de lei:

... Aristippi de grege porcus.

Dizem porém que não bebia vinho, apesar do muito que o louvava; nós, por força, que havemos de ficar muito para baixo de Horacio, porque não só não cremos na divindade do vinho, mas nem já no amor á moda d'elles. Com os costumes antigos ia bem; entendia-se e gostava-se de ver aquelle respirar delicias entre rosas e murtas, aquelle chasquear o mundo dos trabalhos, aquelle não admittir nada sério, nem a morte. Outros tempos, outras ideias. Estas mesmas coisas, entre nós, não passam de arremêdos semsabores, tão dignos pouco mais ou menos de attenção, como as danças e cortezas dos ursos ensinados.

O dythirambo foi genero de poesia; hoje, para escapar da nota de indecencia malcreada, ha-de ficar por força com a de tontaria pueril. A anacreontica está ainda em peor caso, porque a grossaria do vinho ou é affeiada pela delicadeza do amor, que se lhe ajunta, ou criminada pelo fazer descer até á abjecção de méro instincto animal e bruto.

Chama-se a isto, assignalar a mareantes novéis o escolho em que se naufragou.

XLI

À MORTE

DA

"CHRONICA CONSTITUCIONAL" DE LISBOA

ELEGIA

Quã data portã ruunt.

VIRG.

¿Ceos! ¿porque anda no Povo este sussuro?
¿Volta o Miguel? ¿mudou-se o Ministerio?
¿Deu-se emprêgo a traidor, castigo á honra?
¿Desligam-se, removem-se, vão prezos
heroes, que pela Patria o sangue dessem?...
!!! Qual história!!! hoje Astreia, outr'ora expulsa,
pelas margens do Téjo anda a passeio,
de balança na mão pesando as coisas...
¿Que novidade ha pois? ¿teremos guerra?
Officiaes das Reaes Secretarias
¿diz-se que andam de tromba; é outra a causa;
morreu...(numes dos ceos, dae-nos constancia)
morreu...(¿quem o ha-de crer! e então parindo
de pae mestiço uma hybrida creança!)
¿morreu, morreu a *Chronica*!...¿ Vós, typos,
da *Régia Imprensa* esmorecei nas caixas!

Rapazes, que batels as ballas fofas,
dae com ellas na cara em ar de lucto:
foram-se as vossas páginas, e a nossa.
;Chorae, droguistas, que perdeis o embrulho,
o digno embrulho do vendido incenso!
;Chorae, ó vós das mechas fabricantes;
vós por cujo milagre em nossas casas
luz e fogo nas *Chronicas* se via;
e tu, que em leito d'ouro as ondas rólas,
padre Téjo, arrepella as barbas verdes,
e troca em teixo a c'roa dos caniços;
nunca mais levarás vaidoso a os mares
c'os mais despejos da cidade invicta
a crespas chusma de papeis tão sabios.

¿Mas será sonho, *Chronica*? ¿é possível
que ousasse a propria Parca thesoirar-te,
como tantos por cá? não lhe tremêram
as mãos dando no fuso o ultimo giro
da tua parda estopa? ¡ah! que essa *roca*,
(se é dado usar de classico no estylo)
do canavial de Midas foi cortada
no minguante da lua, em baça noite,
por *trasgo* avesso e máo. Vive o Contrato
do máo homem Rousseau; vivem mil obras,
que proclamam sob'rana a vil canalha;
¿e tu morres, ó *Chronica* mansinha!
¿Morre o teu proprio nome! e, o que é mais duro,
o *sobrenome* teu nem mesmo escapa!...

¿Que delicto fatal deu causa a tanto?
(porque o ser semsabor nunca foi crime.
Haja vista á *Isabel das botas grandes*,
que de *Aragón non* farta, ahí veio a Lysia
dar semsabor batalha ás nossas musas,
e dorme em paz nas lojas dos livreiros).

¿Teu peccado qual foi? nunca te viram
 tomar partidos, nunca fustigaste
 as costas d'um potente, inda que injusto;
 nunca te intrometteste em vida alheia;
 deixavas ir o mundo á tona d'agua
 sem nos dar novas d'elle; eras de resto
 quasi classica em phrase, em patriotismo
 quasi orthodoxa, e quasi nada em tudo.
 Emquanto a polidez, saraus da côrte
 nunca viram maior comprimenteira,
 segundo ouvi aos raros que te liam;
 passavas mesmo um pouco a aduladora.
 Só tiveste, que eu saiba, uns dois descuidos:
 um, ter dito uma vez um nome *Feyo*,
 outra, um nome durissimo: *Carvalho*...

¿*Chronica*, ó flor das chronicas antigas,
 e das modernas chronicas! ¿modelo
 das chronicas por vir! ¿ah! ¿que innocencia,
 que formosura ingenua, ou viço de annos
 co'a vida contarão, quando tu morres
 bella, e quasi de mama aos peitos chôchos,
 aos peitos chôchos da infeliz *sandice*!

Da morte o duro pé calca igualmente
 do grão *Targini* as edições de luxo,
 e as folhas tabernaes d'um preço reles.
 ¿Mas que immenso vasío em *Lysia* deixas!!
 O annuncio, ou da novena ou da modista,
 das lombrigas os pós, o insigne mestre,
 que em só doze lições demude a lettra,
 a mona de um francez, que saiba contas,
 ¿por onde hão-de inculcar-se aos bons freguezes?
 ¿Será preciso recorrer-se a Londres,
 aos *Globos*, *Armazens*, *Malas da tarde*,

ao *Correio*, ao *João Bull*, ou qualquer outro,
para dizer que ha pilulas no Morley?
Inda tudo não é: foi-se contigo
o narcótico-mestre, a que não houve
insomnio tão cruel que resistisse.
Por esses botequins viam-se ás duzias,
apesar do café, teu socio experto,
leitores teus roncar, mal te avistavam;
¿onde hão-de ir d'ora ávante achar remedio,
o poeta esquentado, o amante accezo,
um trahido da rima, outro da amada,
o funcionario, que trepou não visto
ao píncaro das honras, qual lagarto
de arvore annosa á plumula ondeante,
que aferra pés e mãos para suste-se,
e prevê sempre a toda a parte a quéda?...

Estes tristes somnambulos bem tristes
¿que hão-de fazer sem *Chronica*? velarem
até que o desespero os mande ao Orco.
Estes, e muitos mais, te andam chorando;
¿mas que muito! ¿se coisas insensíveis
o fazem! por ti chora inconsolavel
o *alfim*, chora o *quiçá*, e os gallicismos,
neologismos, tolismos, e archaismos,
bem que por teu morrer não fiquem orphãos.

Não ha que duvidar: emfim morreste.
¿Ah! se esquerda não fosse a mente nossa,
mais de um horrendo agoiro o annunciára.
Em roda do impressor por nove noites
zuniu bisoiro negro; e á nona o viram
cahir de morte subita no prelo.
Ante a loja da *Chronica* tres vezes
á meia noite em ponto, a visinhança
ouviu zurrar um burro, e entrar aos coices

na somnolenta porta; uma cadella,
negra como um chapeo, nas horas mortas
foi-lhe uivar feralmente, e dando a lume
ante os frades de pedra uma podenga,
á luz dos lampiões morreu de parto.
Estes, e outros auspícios pavorosos
claro haviam predito um grão desastre.
E tu morreste, ó *Chronica*, tão leve,
como na terra o foste, ella te seja!
As musas, ou das nove a da comedia,
mal que tenha logar, ha-de a teus manes
vir desfolhar, não loiros, que os não acha,
mas dois tômos, ou tres das obras primas
de José Daniel, *Barco dos tolos*,
e *Almocreve das petas*; Clio, a dona
do historico buril, ha-de na campa
teu epitaphio abrir, gravando um zero;
e o passageiro, quando o vir de longe,
dirá: lá jaz a *Chronica*! não riam...

Já livre emfim de linguas maldizentes,
segura de vaivens, baixaste á margem
do irremeavel rio; affeita ás sombras
vístel as sem pavor no proprio reino.
Charonte, bem que ancião, cortez co'as damas,
deu-te a mão para entrares na barçaça,
e não te acceitou óbolo, por pobre
disem os maus, e eu digo que por femea;
de maneira que ali se só se achára,
gerava-se o anti-christo. O que foi certo,
foi que a barca, levando os teus ballotes,
não levava algum pêso; o arraes annoso
viagem nunca fez, que tanto risse;
diz-se que o cão trifuca ao descobrir-te
cahiu logo a dormir, e o fogo eterno
deixou com se apagar tudo ás escuras.

Emfim já gosas no descanso elysio
digno prémio de ti, vagando ociosa
junto a um lago do Léthes; não á sombra
de palmas dos heroes, rosaes de bellas,
mas de caramanchões de dormideiras,
e de fresca tabúa, porque Minos,
Eaco, e Radamantho, ao pôr-te os olhos,
para lá *unâ voce* te mandaram.

Ora pois, largos seculos disfrutes
n'essa mansão de pânria, entre os mirrados
espectros do *Parnaso lusitano*,
e tantos mais, que não nomeio agora.
Nunca o *magriço Orpheu*, teu velho espôso,
de Virgilio *discipulo fluente*,
se lembre de ir buscar-te, onde lá poisas,
e revocar-te á vida. ¡Oh! se o tentasse,
possas tu, nova Eurydice, deixal-o
como um pateta em meio do caminho,
e voltar á tabúa, ás dormideiras.

¡Adeus, eterno adeus, papel mansinho!
se vires lá por grutas d'esse Léthes
a *lei da imprensa*, dize-lhe que venha,
que já por Santarem não temos burros.

¡Adeus! se alguma coisa em perda tanta
nos póde consolar, é ver que, ao menos,
cá fica em tua filha a cópia tua,
que do nome da avó se diz *Gazeta*.
Pede ás Parcas por nós, que á sua estriga
juntem toda a porção roubada á tua.
De guerra a avó morreu; morreste. ó filha,
de má cólera. Os astros nos defendam
que de agoirada fome expire a neta...
Antes, antes, ó Jupiter, em bombas

de estrídula girandola rebente
a annunciar algum festejo grande...

Rei dos Reis, pae dos paes, Nume dos Numes,
¡oh! ¡salva-a da penuria, lança a vista
piedosa, do alto Empyrio á rua do Oiro!
Na loja da *Gazeta* a chusma ferve;
bem a ouves, bem vês; mas vê, mas ouve
que é tudo a desmanchar a assignatura.
Se a tua omnipotencia lhe não vale,
¡adeus luzes! de aranha ondadas teias
vão cortinar a loja solitaria.
Nunca mais se ouvirão lá dentro vozes,
a não serem do pallido caixeiro,
que, por tempo matar, jogue a petisca;
e virá tempo em breve, em que sizudo
outro Volney de largo meditando,
já sol posto, encostado a um frade frio,
coisas dirá... que eu não direi por ora.

1834.

NOTA

Bem carecia de notas, para se entender, esta elegia; mas como lh'as não puz, quando pela primeira vez sahiu a publico no anno de 1834, o querer pôr-lh'as agora, venceria já fóros de impossivel. Todas estas allusões a pessoas e coisas, que então pareciam não haver nunca de esquecer—¡oh! ¡tremendissimo desengano de vaidades politicas!—são já, a cabo de sós dez annos, enygmas e hieroglyphicos indecifra-veis; ¡que serão as de hoje, d'aqui a outros dez? ¡que serão todas as d'este seculo para o dia de Anno Bom da éra de 2000? ¡E ver a ufanía com que andamos zumbindo alto, labyrinthando e esvoaçando-nos todos como enxames de moscas de verão á nossa réstea de sol, que dura um quarto de hora!! Parecemos os árbitros do mundo presente e futuro; e o mundo presente não faz senão zombar de nós, enxotar-nos, pôr-nos aqui um pouco de assucar, acolá um veneno, mais adiante uma gota de leite que nos afoga. ¡E o mundo futuro? o mundo futuro nem saberá de nós: terá de se occupar com a nossa vareja, que não ha-de desmentir da raça; o primeiro frio do outomno nos atordôa, parou toda a fervura; o segundo nos deita abaixo; vem a varredeira, que nos ajunta, cantando, para a sua pá; ¡que nos procurem depois! A maior e mais ampla historia, mais não é que um epitaphio muito curto e muito certo: nasceu, zuniu, morreu. Não, senhores; ainda que podesse, já não punha notas a esta elegia.

XLII

RENDEZ-VOUS

A uma senhora que sabia muitos versos do autor
e desejava conhecê-lo

Se das musas a amiga inda suspira
por ver Castilho, cujos versos ama,
venha, e verá que lhe não mente a fama:
verá um urso tocador de lyra.

XLIII

AS FOLHINHAS ANTIGAS E AS MODERNAS

CONTO

Um dia um cura velho,
de Baccho adorador, gordo e vermelho,
á porta repimpado,
volvía e revolvía
a buscar na folhinha
a resa d'esse dia,
e tal resa não via.

Dez vezes as cangalhas tira e limpa,
e lavado em suor dez vezes torna
á mallograda emprêsa:
té que desenganado,
da teima emfim se deixa,
o breviario feixa,

e em taes exclamações converte a resa:

— « ; Oh tempos ! ; oh costumes !

« ; Onde estão as folhinhas de algum dia?

« Já de mim para mim tinha eu ha muito
« que estas eram erradas.

« Segundo estas, passou-se o anno inteiro
« sem eu ver o rendeiro,

« que ajustou vir cada anno quatro vezes.

« Se me eu fiasse n'estas, nove meses

« diria que eram dois, ou quer que seja,

« desde o casar ao baptisar na egreja.

« Não entendo tal festa. . .

« Emfim seja o que fôr: vamos á sésta. »

NOTA

Não fiz este contosinho para desacatar (á moda dos sabios em mez e meio) o clero, e particularmente os curas de almas; mas por isso mesmo, que o parochiar é officio de momentosissimos resultados, não só espirituaes, mas tambem temporaes, e que importa chamar para este ponto principalissimo a attenção de todos os que faser ou ajudam a faser parochos, para que olhem mais á sciencia e moral do homem, do que á sua libré politica; não me pêsá dar esta amostra de curas, como ha e eu conheço muitos, que envergonham a Religião por sua ignorancia; e por seu desleixo escandalisam e empeioram o povo. Da ignorancia bruta, entre elles mui commum, mas que seja superfluo porei aqui um exemplo, não dos milhares que este Reino me está offerecendo, que não quero apódos de satyrico, mas de alheias e longes terras ... dos Estados Pontificios! Em toda a parte da vinha anda o pulgão!

Colhemos o caso fresquinho do *Courrier de L'Europe* de 2 do corrente Março, que hoje, 18, nos acaba de chegar ás mãos.

«Um clerigo moço, de não vulgar talento e exemplar piedade, prégador de fama, e confessor muito procurado, cahiu doente de molestia apertada e perigosa. Aconselhou-lhe o médico certas águas mineaes, bebidas na fonte, que ficava em um logarêjo, não longe da cidade onde vivia, sito lá para as vertentes septemtrionaes dos Apenninos. Mas, ou porque o mal não tivesse cura, ou porque o remedio fosse desacertado, a enfermidade engraveceu; para logo se perderam as esperanças, e sem deixar tempo a se avisarem amigos nem parentes entrou em artigo de passamento. Aqui se vê o moribundo entregue só ao parochio do logar, que era um pobre cura serrano, mais camponio do que padre. Este, havendo para si, que o fim do seu confrade estava á porta, só cuidou em lhe administrar o officio da agonia. Ajoelhou-se-lhe ao pé da cama, abriu o seu ritual e poz-se a ler.

O agonisante achava-se nas últimas, e não tinha até ali podido tornar resposta a quantas perguntas o cura lhe fiserá. Mas com grande assombramento, e logo depois com grande escandalo e horror do mesmo cura, estremeceu-se como convulso, arrancando do fundo do peito negativas formaes e repetidas no fim de cada versículo, *não, não, não*; como quem protestava contra o valor das preces da Igreja.

«O cura foi continuando com as suas orações cada vez mais energico, e o mal-aventurado com as suas negativas, até que exhalou o último suspiro, que foi uma especie de ronca de desesperação.

«Não havia dúvida para o cura: seu collega tinha repulsado até ao cabo os confortos espirituaes, e acabára impenitente.

«Chegam os parentes do defunto: seu primeiro cuidado é mandarem levar o cadaver para uma igreja da cidade segundo o costume. O cura da aldeia já tinha ido adiante, e a toda a pressa, para falar com o Bispo de *Forli*, e fazer-lhe saber, por descargo de sua consciencia, o que era passado.

«O testemunho de um ecclesiastico, no tocante aos últimos momentos de um moribundo, recebe-se nos estados romanos como prova inteira; ficava logo certo, visto como o finado havia recusado até ao fim os soccorros ecclesiasticos, que se não havia de sepultar em terra santa.

«Grande sussurro por toda a cidade. A familia do morto faz tudo, quanto sabe, por que se dispense na severidade do regulamento, e nada obtém. {Que se havia porém de fazer ao corpo? As antigas confesadas d'aquelle padre attestayam, a voses, a muita piedade e caridade, que sempre n'elle resplandecêra; e agora vinham em cardumes ajoelhar-se e orar em derredor do seu esquife, e cobril-o de lagrimas e flores. Entendeu o vigario geral, que não havia remedio, senão justificar, perante o povo, a ordem já dada. Chama o padre, que lhe assistira ao passamento, e diz-lhe—que diante do povo mostre e leia cada uma das orações que o mal-aventurado lhe repulsára.

«O cura abriu o ritual; aponta ao vigario geral a página; e este leu...

«Era o esconjuro ou o exorcismo contra os gafanhotos!

«O triste clérigo da aldeia não sabia latim; pôs-se a ler á tôa no livro litúrgico; e o coitado do moribundo fazia todas as diligencias para lhe dar a entender que não era aquillo.

«A ordem, entendido está que foi revogada, e o corpo enterrado com todas as honras devidas a um fiel.»

XLIV

EPIGRAMMA

Exclamou certo avarento,
a um que se ia enforcar:
— « ; Feliz homem, que tres dias
«poude comer sem gastar!»

XLV

À FONTE FRIA DO BUSSACO

ODE

Do cavernoso albergue, ao sol vedado,
sae, de relance ao menos,
ó alva nympha, solitaria e meiga,
da fria e clara fonte!

¡Quão bella debes ser, se a Natureza,
ó nayade escondida,
a urna argêntea em tuas mãos confia
de tão formosas águas!

Ou pela aberta rocha ao menos lança,
a furto, os negros olhos,
e por entre o molhado e verde musgo
transluza o niveo rosto.

Vê com que esmêro e pompa a Natureza
adorna o teu retiro;
olha estas grandes árvores, que apenas
sentem do vento os sôpros.

Olha a mansa bacia, onde se espraia
tua água transparente;
farto musgo a atavia, e musgo em tórno
gratos assentos fórma.

Olha; vê que nem Euros te perturbam
o teu cristal sereno,
nem gado, nem pastor, nem ave ou fera,
nem folha desprendida.

¡Com que rumor as águas, em sahindo
de seu não fundo tanque,
descem, saltando em fugitivo arroio,
pelo teu monte abaixo!

Castas sombras, pacifico retiro,
tão velho como os montes,
¿sabeis que existe um deus com ásas d'oiro
que os corações inflamma?

Não; jámais entre vós ternos suspiros
que amor arranca aos peitos,
nunca maviosas queixas se escutaram
de corações escravos.

Aqui só reina a paz; vivem com ella
as austéras virtudes:
é d'estes cumes solitarios, tristes,
que o mundo se despreza.

Jámais humana dextra em vossos troncos
gravou terna legenda.
¡Oh! ¿quem gosa do pranto matutino
da aurora, em taes logares?

¿Quem é que ao pôr do sol d'aqui contempla
o córado horizonte?

¿para quem sóta o rouxinol em Maio
seus nocturnos gorgeios?

¿Quem se aproveita do luar, que deve
as horrorosas sombras
romper aqui e ali, nas tardas horas
da noite socegada?...

Ninguém.—¿Por que juntaste estes encantos,
pródiga Natureza?
aqui não vem Glicéra, ou Chlôe, ou Daphne
tocar-se junto á fonte.

Nunca as graças gentís aqui vagaram;
nunca talvez um vate
se aproveitou dos mágicos delirios
que geram taes logares.

Tu vives pois, quieta em teu retiro,
rara vez procurada,
ó alva nympha, solitaria e meiga,
da fria e clara fonte.

Tenhas sempre, nas húmidas cavernas,
de águas alma abundancia:
o ardente Junho, o túrbido Janeiro
igual te vejam sempre.

E quando, gasta a rígida cadeia
d'onde o universo pende,
já sem ordem, sem leis, o velho mundo
cahir sôlto em pedaços,

então, antes que o cáhos as dispersas
reliquias engolfado
no horror medonho da segunda noite
houver; salva-te, ó nympha,

com teus vassallos, invisiveis genios;
transporta n'um momento,
inteiro, este iogar sobre algum monte
do aventurado Elysio.

Por ora dorme em paz, meio encostada
sôbre a urna argentina;
aqui ninguem teu somno descansado
virá interromper-te.

Só na alta noite alguma vez, já quando
alto silencio impéra,
acordarás ao baque de algum tronco
dos annos carcomido,

que, farto de ver seculos, e curvo
já por mil tempestades,
desarraigado emfim cahir no meio
da mata que te cérca.

XLVI

ELOGIO A...

—«Tem lido quanto é moderno;
«estudou a Grecia e o Lacio;
«sabe de cór todo Homero,
«Ovidio, Virgilio, Horacio.

«Tem genio por dez ou vinte;
«tem milhões de poesias;
«seus versos são todos cheios...»

—«Sim! ¿de quê?»

—«De alarvarias»

XLVII

IMPERTINENCIA DAS MÃOS

ADIVINHAÇÃO MORAL

N'um domingo de Janeiro,
em meu capote embrulhado,
sosinho ao pé do brazeiro,
puz-me a apertar regelado
as mãos, que assoprei primeiro.

;Mas qual meu pasmo seria,
quando, ouvindo um rumor leve...
senti que das mãos sahia!
Quero contar-vos em breve,
o que uma á outra dizia.

DIREITA

Arrede-se um pouco mais,
visinha, se lhe parece;
não gósto de súcias taes.
Julgo que ás vezes se esquece
de que não somos eguaes.

¿Tem frio? vá-se aquecer;
mas não se metta commigo;
lá tem capote se o quer;
lindo seio é meu abrigo,
que me acolhe com praser.

ESQUERDA

¿Tocar-vos eu, illustrissima!
não suppuz ser culpa horrífica,
quando eu, escrava humilíssima,
e vós, senhora magnífica,
temos por mãe a mesmíssima.

¿De ouvir-vos me sinto extática!
¿Fôrma, côr, dedos identicos,
terão diversa pragmática?
¿Que é dos titulos authenticos,
por que sois aristocrática?

DIREITA

¿Que é dos titulos! A espada,
a lyra, o pincel, e a penna,
a alliança, a fé jurada,
o sceptro que o mundo ordena,
de amor a expressão calada.

¿Sou eu, ou sois vós, que dais
já cidades aos humanos,
já templos aos Immortaes?
¿Sem mim, nos undosos planos,
que nau arfára jámais?

¿De feras quem purga a terra?
¿Quem deu a Alexandre os loiros?
¿Quem é que os erros desterra?
¿Quem trouxe a Eneida aos vindoiros?
¿Quem o raio a Jove aferra?

¿Quem o universo renova?
¿Ou quem... ¿mas... trabalhos vãos!
Teu nome sinistro é próva,
de qual d'entre as duas mãos
mais por seus feitos se approva.

ESQUERDA

Vencida estou: ¿Que dialectica!
¿Que persuasiva rhetórica!
¿Que discurso cheio de ethica!
¿Que vasta sciencia histórica!
¿Que suasória tão pathética!

Em tudo falais verídica:
de louvor com jús sois cúpida.
no fôro, com tal causídica
vós fôreis tudo, e eu estúpida
n'uma sentença juridica.

DIREITA

Basta, basta de ironías:
refuta rasões discrétas,
se pódes, porém não rías:
deixa da Italia aos poetas
eguaes esdruxularías.

ESQUERDA

Aproveitando a lição,
e a licença, que me dá,
juro já fé de honrada mão!
entrar em materia já,
co'a mais sizuda oração.

No meu humilde entender
a questão dois pontos tem;
dois pontos; e vem a ser:
se eu faço, ou não faço bem,
e se o posso, ou não fazer.

Quanto á primeira, é verdade,
que a direita diligente
funda, ou toma uma cidade,
emquanto a esquerda dormente
jaz no seu bolso á vontade.

Quer-se um navio? a direita
agarra só no machado,
prostra o bosque, serra, ageita;
mal me tenho precatado,
apalpo uma náu perfeita.

Sem mim, tece a tecedeira,
atira o atirador,
e cosinha a cosinheira;
sem mim, toca o tocador;
tu és só, e és a primeira.

A côr mesma, a côr bastára
a decidir a questão;
tu és queimada, eu sou clara.
O que vai de mão a mão,
só não vê quem não repara.

Passando ao segundo artigo
se posso, ou não fazer bem,
com minha vergonha o digo:
comtigo a natura é mãe,
cruel madrasta comigo.

Tu nasceste habilidosa,
como eu inerte nascí;
a educação cuidadosa,
que te fez tão dextra a ti,
fôra comigo ociosa.

João Jacques (certo animal
que trata da educação)
diz, que com desvélo igual
se crie uma e outra mão,
e eu serei tua rival.

Que, por exemplo, na escrita
nos empreguem sem differença...
;havia ficar bonita!
Já Macróbio assim não pensa,
mas é por que esse medita.

Diz, que a parte esquerda é fria;
que a parte direita é quente;

com figado e anatomia,
decidiu, mui sábiamente,
que eu nada fazer podia.¹

Tu é que fazes tolice,
fidalga, em não me cortar
pela minha mandriice.
Sem mim póde-se passar.
Abaixo a canalha... — Disse.

A direita, que affastada
se tinha estado torcendo
em crespo murro fechada,
de injúrias tropel horrendo
ia soltar indignada...

Eis que oiço diversa gente
vir entrando na cosinha,
fugida ao frio inclemente;
nos bolsos, com mágua minha,
sumí as mãos de repente.

¹ *Macrob. Saturnal. Lib. VII. Cap. 4.*

XLVIII

INSCRIPÇÃO

Para um monumento lapidar em Argalé, concelho de Alcacer
junto a Alcácer-do-Sal
á memoria dos liberaes ali assassinados em 1833

Aqui de tua Patria os defensores
tragaram do martyrio inteira a taça:
viandante, leva as lagrimas e as flores;
lê só, dobra o joelho, adora, e passa.

XLIX

HYEMS

ELEGIA

Arboribus cecidere comæ, tacuere volucres,
et nive sub tristi dura rigescit humus.
Jam procul intonuit contractis nubibus æther,
nigra repentinis ignibus arva micant.
Nox rabidis furiosa Notis ruit undique cælo,
et radiant toto sidera nulla polo.
Nunc agite, nunc ferte, viri, quæcumque per agros
rapta procelloso vortice silva jacet.
Pauperes ó tuguri dissolvite frigora, Divi,
longus et in noctem luceat igne focus.
Nunc, pueri, properate simul, properate, puellæ;
considat mixtis garrula turba jocis.
Bruma, vale, valeatis, agri; dum luceat ignis,
ventorum ridet rustica turba minas.
Dum tereti volvunt fuso sua pensa puellæ,
altera in alterius carmina carmen addit.
Et pecoris blanda comitatur arundine custos
Filidis argutos, dulcia verba, sonos.
Hæc canit aligeri contemptos numinis ignes,
atque puellari tela repulsa sinu.
Dumque canit, nriturque animos finxisse superbos,
nescio quis tacitus conficit ora rubor:

Arrident cunctæ, cunctæ convicia miscent,
accensis oritur jam nova causa genis;
nescio quem fingunt, de quo negat illa, Menalcam;
fabula nec pago notior ulla fuit.

Nunc salibus locus est; nunc verba licentius audent;
cum vetula in fusum candida fila trahens,
atque animo longos repetens, quos degerit, annos,
incipit, et narrat, dum latus omne silet.

Nunc canit, aut trepida regem sub nocte vagantem,
cui procul é magica visa lucerna domo;
aut sine posticibus cantatæ mœnia turris,
regnat ubi in rapta virgine dirus Arabs.

Ora tenent omnes, et longa silentia fiunt,
dum furit excluso turbidus imbre Notus.

Quid cessare juvat? nunc pocula sumere tempus,
nunc decet arguto tingere verba mero.

Jam mihi castaneæ crepitant sine cortice flavæ,
quas prius accensis supposuere focis:
spargite nunc cineres, et opimam carpite prædam,
rursus jio! pateras, et bona vina date.

Terque, quaterque juvat radiantis munere Libri
expleri; siccis sit malus unda pudor.

Nos celeres ventos, tonitrus spernamus, et imbres;
amphora in alternas itque, reditque manus.

Illic et risus, et verba jocantia certant,
atque pharetrati, candida turba, Dei;
illic et cœston, veneresque, et gratia triplex,
lusibus atque comes flava juvenia suis.

Basia ferventi fluitant commixta Liæo,
carmina blanda, novem, munera vestra, Deæ:
quare agite, et diras, tu vir, tu foemina, curas
pellite, non nostrum est, quod petit ira Jovis.

Rumpatur, quicumque ratem temerarius audet
incerto fragilem conseruisse freto;
aut captis siquis miles ponit otia telis,
quique suos unquam deseruere lares.

Nos servant circum, nemoralia mœnia, silvæ:
non ruit in quercus Jupiter ipse suos.
Stramineis summas ferientia fulmina turres
parcunt non parvis invidiosa casis.
Nos bona simplicitas, pietas nos alma tuetur,
lætitiæque parens, Idaliusque puer.
Nos cessare decet, genio indulgere secundo,
et canere, et quavis cingere fronde caput.
Jam vernæ periire rosæ, cecidistis, aristæ,
uvaque pampineo grata sapore Deo.
Post aliquot fugient brumalia tempora lunas,
atque perituras terra feret violas.
Cuncta volant, sapite, ó juvenes, et, dum sinit ævum,
lucro apponatur, quæ datur hora brevis.
Vernales aliis venient in gaudia soles,
qui Jove sub tristi somnia longa gerunt;
at vos, inclusique domo, curisque soluti,
ludite; cessandi tempora longa manent.
Oscula nec blandis pigeat sumpsisse labellis,
nec rapere invitis, grataque verba loqui.
;Me miserum, has inter modo Julia nostra fuisset!
Quod moneo, exemplis condocusse velim.

L

A MAURICIO JOSÉ SENDIM

Por tres vezes sollicitou e obteve de mim a officiosa amisade d'este nosso, mais engenhoso e fecundo do que afortunado pintor, que eu me deixasse por elle retratar. Por tres vezes sahiu d'esta sua empenhada obra, como de todas o costuma. D'estes retratos o primeiro e o terceiro, que foram lithographados, conhece-os o Público; o segundo, um bello quadro a oleo, conservo-o eu, como offerenda e memória do seu affecto. A epistola foi a expressão do meu agradecimento pelo primeiro.

EPISTOLA

Já desde Homero, em tráficos do Pindo,
amigo meu Sendim, não roda o oiro.

Versos, bustos, paineis, primor das Graças,
pague-os sêcco bretão por sommas brutas,
se muito ha que do autor deu cabo a fome.
Lisonja em metro, em marmores, em côres,
encommende-a o mimoso da fortuna;
pague com seus dobrões a glória alheia.

Nós que, longe da terra, ao vulgo extranhos,
vivemos facil vida anachoreta
por solidões de imaginario mundo;
que os loiros para nós, por nós plantados,
ouvimos sussurrar por sôbre o colmo
da ermidinha, onde as Musas nos visitam;
nós, nós, a quem deu alma a Natureza,
não térrea, não mortal, não simples alma,
de instinctos animaes fugaz composto,
mas generosa, esplendida, sublime,
mixto da etherea luz, do olor das rosas,
do gorgeio do cisne, e do profundo
bramir do oceano, e do beijar das rôlas,
e do albôr melancolico da lûa,
e da calma do estío, e das sonoras
bafagens tuas, Héspero, e do lume
trémulo e scismador dos longes astros...
não pomos preço vil ao que é sem preço.

Como lá n'outra idade, entre homens simples,
colono, pescador, monteiro, artista,
de mão a mão seus commodos trocavam,
tal dura e durará commercio nosso.
Irmans, e não rivaes, as artes bellas
apertem mais e mais seus mútuos laços:
sua origem commum, seus fins os mesmos
impõem-lhes lei de amar-se, unir exforços,
umas ás outras realçar o encanto.

Mais, muito mais que irmans, são todas uma;
em nome, em fôrma vária, é uma a essencia;
a belleza, a verdade, anceiam todas.
Pinta o Meónio; poetisa Apelles;
Phydias derrama em marmore a harmonia;
Orpheu nos magos sons esculpe os deuses.
Não ha mais que um só Deus, uma verdade,

uma belleza só: mostral-a em côres,
em figuras, em sons, em phrases pódes;
são cultos de um só nume em linguas várias.
A amendoeira em flor é primavera,
primavera é como ella o céu macio,
primavera a violeta, os ninhos novos.
Unica e pura a interna luz do engenho
dos sentidos no prisma se refrange,
e sai cambiada em fúlgidos matizes.
Como as côres são luz, são estro as artes.

De nossa indústria os frutos permutemos.
O mago teu pincel doou-me aos evos;
se os versos meus aos evos resistirem,
nos versos meus refflorirá teu nome.

¡Ah! ¡não poder eu mais!... qual tu meu todo
á estampadora pedra o confiaste,
capaz de confundir maternos olhos,
¡não poder eu também pintar no metro
genio, vida, expressão, physionomia
de quadros, onde a mente aos olhos fala!
Desegual foi comnosco a Natureza:
amante seu feliz tu gosas d'ella,
abráçal-a com extasi, sorri-te,
descobre-te um a um seus mil encantos;
e, como se um tal bem não fosse immenso,
diz-te: Eis-me aqui, retrata-me, ó ditoso;
d'onde os gostos extrais, extrae a glória.

Não assim eu: eu busco-a... ella se occulta;
chamo-a, invoco... ou não vem, ou só de longe
fugaz e esquiva se entremostra, e passa,
como visão por sonhos vaporosos;
como scena confusa e namorada
de já perdido livro; como ideia

da mui longinqua infancia, que inda a medo
por sob as cans revôa ao pé das urnas;
ou como o astro da noite em selva umbrosa;
ou como as vozes de um serão do estio,
quando da aldeia as virações as levam
sôltas e vagas ao curioso ouvido
de erradio viandante; ou como o vulto
de ingrata amada em vão, que evita encontros,
leve atravez das árvores refoge,
sem deixar mais de si que a viva imagem
d'alva roupa esvoaçada e gostos idos...

Realiso as que a Grecia fabulára
impaciencias do Alpheu, quando entre as névoas,
doido de amor, frenetico, debalde
a vedada Arethusa andou buscando.
«Nympha, vi-te, clamava, ¡ai! ¡quero ver-te!»
E o *ai*, com que as florestas apiedava,
não apiedava o coração da isenta.
A' beira de suas águas fugitivas
depois cançado e triste ia encostar-se,
a procurar pelo ânimo saudoso
que feições enxergou, quaes poderiam
ser as mais que não viu; compunha-a toda,
linda sim, mas phantastica; e por ella
com longo affecto os eccos entretinha.

Por isso ninguem peça inteiro canto
na harpa quebrada. A voz de outros poetas
que o sólte; não me assombra: a solfa inteira
perante os olhos seus se desenrola.
Minha harpa incerta, em solidões, por noite,
não apontados sons pendente exhala,
a capricho de um zephyro que adeja.
De Achilles, dos Jardins, do Eden os vates
e dos Bardos o Bardo, Ossian o altivo

(pelo seu estro o juro; immensa jura!),
taes não subiram, se ás geladas trevas
desde a infancia atro genio os condemnára.

Manhan da alma existencia, ¡oh! ;como alegre
me alvoreceste! ;Oh! ;plena luz, enlêvo
de que o mínimo insecto ignaro gosa,
riqueza, de que é rico o mundo todo,
luz, com pródiga mão dos céos lançada,
vida, belleza, luz! ;palavra etherea,
a unica de um Deus no grão momento,
em que ao formado mundo erguia o pano!...
luz, luz, eu te gosei na infancia minha:
;gosei! . ;quem te possui gosa-te acaso?
não; pródigo, indiff'rente, como todos,
vi-te, desperdicei-te.

¡Ah! ;quem me dera
d'essas horas doiradas um minuto,
uma só gotta d'essas fontes amplas
por este areal tão sêcco! ;Oh! ;com que sêde
n'esse momento me vingára de annos!
;Que joias no poetico thesoiro
avido para um seculo ajuntára!
;Corno ás imagens pallidas, que á força
te arranco, ó Natureza, como arranca
o oiro entre feses duro escravo á mina,
como a tantas imagens desbotadas,
rico legado do menino ao homem,
revivêra o matiz, o fogo, o lustre!

Então, para pintar florestas, mares,
não precisára de espreitar confuso
um ramo a folha e folha, ou já no copo
agil movido o rutilar da limpha.
Se ouvisse descrever a majestade
de um rosto varonil, de uma formosa

o encanto, de um menino as graças lindas,
tudo isso o variára a mente facil.

O aspecto do varão nem sempre fôra
a paternal presença. Além de Amalia,
de meus brincos pueris ligeira socia,
mais formosas houvera, e mais formosos
anjos mortaes, que o meu gentil do espelho,
de olhos tão vivos, tão córado aspecto,
riso tão doce, e que eu amava tanto...
¡saudades vans! ¡desejos vãos e acerbos!

Se o mar, se o céu, se os campos se me esquivam,
róla a mente em seu mundo infindos mares,
campos lhe alastra de opulencia extranha,
circumvolve-os de céos fervendo em astros.
Tal de Agenor o filho a Patria perde;
mas se lei deshumana o lança em fuga,
oraculo phebeu condul-o a thronos:
por Tyro que perdeu, lá funda Thebas,
a de cem portas nos canoros muros.
Mas a Patria... era a Patria; aquella Tyro...
era a Tyro da infancia; o solio, Thebas,
o Elysio, o Olympo mesmo, a não valeram.

¡Feliz o para quem da vida as portas
se lhe abriram sem luz! So tem metade
do humano apêgo ao mundo, e horror á morte;
não viu, chupando o leite, o seio amigo,
o sorrir brando, os olhos, e nos olhos
o coração materno; as irmans suas
não fôram mais que uns sons; a rosa um cheiro;
movimento o passeio; o sol quentura;
um monte, a estiva noite; as Graças... nada.

Longe outra vez, e para sempre longe,
udades vans, desejos vãos e acerbos!

¿Que me importam canções? ¿que outrem descreva
com mais proprio matiz do mundo os quadros?
¿que tenha ou não mais azas para um vôo?
¿Que importa que um volume de poesia
seja um thesoiro para mim sem chave?
¿e que dos seios do ânimo rebentem
meus versos caudalosos, sem que eu possa
co'a propria dextra abrir-lhes a passagem,
por onde ávidas páginas inundem?
¿Não me rege inda a luz os cautos passos?
¿não me tinge inda ao perto as várias fórmias?
livros... pluma... olhos meus e dextra minha,
¿quando jamais n'outro eu me falleceram,
n'outro eu, onde os ameí e os amo em dôbro?
¡Graças a amor! ¡já Natureza graças!
logrei constante, e lograrei perpétuo,
nos laços fraternaes consorcio d'almas,
nos de hymeneu fraternidade nova;
meu ente n'estes entes se completa;
já bardo sou tambem... ¡sahí, meus versos!

Pura mão, don dos Céos que eu pago em beijos,
solícita vos abre ao mundo a estrada;
sahí, voae; da gratidão fervente
aos olhos de Sendim levae meus votos!

LI

O AMOR E O TEMPO

CONTO

Um dia o Amor e o Tempo sosinhos se encontraram
em certa solidão.

Ali, entre os dois numes, pendencias se travaram...
não sei por que razão.

O Amor é deus menino, ligeiro, audaz e alado,
e cheio de poder;
o Tempo é deus forçoso, indómito e apressado;
qual deve pois ceder?

De ralhos e invectivas passaram a violencia;
combate se travou:
o Amor brandiu seu arco; e o Tempo com demencia,
as settas lhe aparou.

Depois enfim, cansado de tanto soffrimento,
sacou da foice o pau,
e sem lhe dizer nada, pagou-lhe o atrevimento;
zurziu-o, e não foi mau!

Qual foi o resultado? O Tempo ficou morto,
e quasi morto o Amor.

Aqui começa o zoilo a achar sentido torto,
moral inda peor.

Eu conto-lhe uma história, sem lhe juntar commento,
sem pôr-lhe explicação ;

elle suppõe que eu pinto namôro e casamento . . .

oh grande sem-razão!

LII

O ANJO DA HARMONIA

A' snr.^a D. Maria Constança Arnaud de Medeiros

(1834)

CANÇONETA

Amor, que influe os cantos,
e os sons extrái da lyra,
amor de amor suspira,
se te ouve modular.

Anjo que o nome
tomas de Armia,
dos ceos á terra
toda a harmonia,
todo o segredo
vens revelar.

Amor furtado havia
ás nove irmans o plectro;
de Gnido em trôco o sceptro
tu vens ás musas dar.

Anjo, que o nome
tomas de Armia, etc.

¿Que humano pôde oppôr-se
aos sons, que tu soltares?...
Se a ingratidão cantares,
pôdes fazel-a amar.

Anjo, que o nome
tomas de Armia, etc.

Teus sons, até sem phrase,
fôram linguagem bella.
Rival de Philomella,
faláras sem falar.

Anjo que o nome
tomas de Armia, etc.

Ama a rasão perder-se,
quando por magos cantos,
sereia, em mar d'encantos
a fazes naufragar.

Anjo, que o nome
tomas de Armia, etc.

Quem disse adeus a ingratas,
fuja de ouvir-te... ou logo
verá da cinza o fogo
mais vivo rebentar.

Anjo, que o nome
tomas de Armia, etc.

Se a Ignez soltando achassem
sons, como os teus divinos,
seus ferreos assassinos
fugiram, sem n-a olhar.

Anjo, que o nome
tomas de Armia, etc.

LIII

EPITAPHIOS

I

Aqui jaz frei Gaspar, geral dos franciscanos.
Crêmos, com pia fé, que esteja em bom logar.
Teve uma vida santa; e durando oitenta annos
não fez mais que um peccado este bo n frei Gaspar.
Tomou uma broéga aos vinte annos de idade,
de que emfim se desfez no dia em que morreu.
Se acaso és taberneiro aqui d'esta cidade,
lê, chora, resa, vai-te, e deixa o officio teu.

II

As minhocas nas mais cóvas
comem quantos lá vão dar;
n'esta bebem as minhocas
o odre velho, frei Gaspar.

III

Debaixo d'esta campá, ó passageiro,
queres saber quem jaz? toma-lhe o cheiro.

IV

N'esta cova, com fôro de lagar,
fermenta agora o cacho frei Gaspar.

V

Jaz aqui frei Gaspar do Thabor,
confessor, prégador, revisor,
moralista, casuista, scottista,
latinista, hellenista, organista;
homem grande em sagrado e profano;
grosso nó do cordão franciscano.
Foi varão tão constante e tão forte,
que em noviço uma *lagea* apanhou,
e sómente a largou, quando a morte
esta em cima por fim lhe deitou.

VI

Aqui devora a terra os restos vís, terrestres,
da gloria, inveja, e flor dos nossos padres mestres.
;A sua alma, quem sabe agora onde andará?
talvez doida, apesar do seu saber profundo.
;Como havia de achar as portas do Outro mundo
quem até na da cella esbarrava por cá?

SATISFAÇÃO

Saquei á luz os serôdios epigrammas, que ficam lidos, pela mesma razão por que também vieram á praça os meus apódos ao bom, e já finado, de Filinto. Eram conhecidos, e cumpria-me tomar aso para explical-os. na parte, em que podiam deixar pressuppor em mim veleidadesinha villan de calumniador, e calumniador contra gente morta.

A conta, em que tenho, e se devem ter os frades, já em outro escrito a expliquei largamente (*Jornal das Bellas Artes* n.^o 2), e não receio agora tornar a passar, a tal respeito, por philosophão do *Diccionario philosophico*. Mas n'esse mesmo escrito, repassado de toda a sinceridade da minha alma, confessei eu, que, entre os frades os havia ruins e dissolutos, para maior crédito dos outros; e havia; todos os conheceram, e conheci-os eu também. Um d'estes, mas ainda vivo a esse tempo, foi o heroe dos meus epitaphios; que por signal, lá foram dar ao convento, e, como castigo justo, não desagradaram aos padres sisudos e honestos. O mais que fiz, e devi fazer, foi trocar o verdadeiro nome do tonsurado odre no de fr. Gaspar.

LIV

A FILIPPE FOLQUE

Já a nossa poetisa Francilia (a snr.^a D. Francisca de Paula Possollo da Costa) havia padecido, com a morte de um esposo adorado, o golpe que tanto lhe antecipou a sua, quando, por carta d'ella, me constou, no meu retiro de S. Mamede da Castanheira, que uma sobrinha, alumna sua, seus amores, e sua companhia desde a infancia, donzella em flor de annos, e ornada, como por tal mão, de prendas e virtudes ¹; ia felicitar com o seu consorcio ao meu bom amigo Filippe Folque. Fizera eu versos, e muitos, para procurar alguma sombra de consolação á inconsolavel saudade da viuva; versos, que n'outro volume brevemente offerecerei a meus leitores. Rasão era que o unico dia de algum contentamento, que para ella podia haver sobre a terra, não passasse sem versos meus. Escrevi ao noivo esta epistola, no genero que ella d'entre todos preferia: no genero classico estrême; o que explica, se não defende, certa soltura, não fescennina nem catoniana, mas

¹ D. Maria Luzia Possollo Picaluga.
VOL. XVII

pouco para imitar, pela qual em dia de bôda deixei correr o pensamento.

Mais explicações que em notas eu aqui podéra pôr, supprimo-as por excusadas. Todos sabem o que foi e o que é o snr. Folque: a Faculdade de Mathematica da Universidade de Coimbra viu n'elle um dos seus mais distintos alumnos; a Escôla Polytechnica n'elle vê um dos seus mais distintos professores. Um genio facil e amenissimo, e gôsto litterario, qualidades não muito frequentes nos desterrados para as estrellas, relevam e doiram os seus meritos scientificos. A minha prophesia de filhos não era das mais temerarias; sahiu muito bem realisada: um menino de 4 annos ¹, e uma menina de 3 ², derramam já hoje n'este invejavel casal aquella bemaventurança terrestre, que nunca entrou onde não entraram as creanças.

Mais uma palavra por despedida. ¿Por que rasão faziam alguns mythólogos filho de Urânia, da musa da astronomia, ao Hymeneu? A não ser á conta dos horóscopos, a não ser o pensamento d'essa allegoria o mesmo, pouco mais ou menos, do nosso rifão — casamento e mortalha — não a atino, nem já a procuro. Com fundamento ou sem elle, achei essa filiação; serviu-me para o caso, aproveitei-a. ¿Quantas outras coisas se não aproveitam todos os dias, sem se saberem explicar!

¹ Pedro Folque.

² D. Virginia Folque, Condessa de Nova Gôa pelo seu casamento em 30 de Junho de 1864 com o Conde de Nova Gôa, D. Luiz Caetano de Castro e Almeida Pimentel de Sequeira e Abreu, Cavalleiro de Malta.

EPISTOLA EPITHALAMICA

Se musa de ermitão se admitte em bôdas,
das brenhas, em que dorme, envio a musa
a brindar-te no Tejo, amigo Folque.
Leva na dextra rosa de noivado
por passaporte; e, se não basta, leva
os parabens de um bom amigo ausente.
Teus saudadores, folgasãos convivas,
a acolham pois; que certo nos teus lares
sei eu, que lhe não falta acolhimento.
Onde das nove irmans já vivem duas,
a terceira é bem vinda; e se, toucada
de lúgubre cipreste, a de Francilia
deixar no aureo festim sem uso o plectro,
bem é que a tua Urânia ao menos oiça,
que outra irman sua o seu praser célebra.

Cahiste emfim, rochedo inabalavel,
coração desdenhoso, emfim cahiste.
O que tão sem piedade has feito a tantas,
uma t'ó fez: estás vencido, e escravo.
(;Oh! ;dia triumphal nos fastos cyprios,
digno de letras d'oiro em niveo jaspe!)
estás vencido e escravo, e o jugo adoras.
;Ah! se amor, qual te pune, aos mais punisse,
;quantos e quantos, em lugar de honral o,
repulsariam seus primeiros tiros!
Mas por um, como tu, que ingrato amima;
milhões de servos bons põe elle á morte.

Longe os queixumes, longe os ais dos tristes;
coroemos nossa alma de praseres,
de murta as nossas testas, de grinaldas

os nossos copos; coroemos de hera
as nossas lyras, de loireiro as Graças,
de palmas o Hymeneu; toldam-se os ares
com os vapores do incenso, que ás mãos cheias
lhe arde na pyra. Sejam estas nuvens
d'este alvo dia as unicas, ó deuses!

Desce, não tardes mais, desce do Olympo,
vôa, Hymeneu, com fresca mangerona
intertecido a trança lusidia;
vem soprando, com o halito de rosas
da bocca alegre, ao facho, que furtaste
astutamente a Amor; baixa, ondeando
o teu manto de púrpura inflammada,
com que has-de o joven par cobrir nas plumas,
por que olhos maus de inveja o não fascinem.
Baixa, Hymeneu, vôa Hymeneu; já soam
de toda a parte os hymnos; ¿que mais tardas?
o esposo mal soffrido já te accusa:
a melindrosa esposa—toda pêijo
por ser feliz—co'os olhos baixos sóta
suspiros não maguados, mas suspiros.
Ella deseja e teme... o que não sabe;
elle sabe e não teme o que deseja.
Vôa, acode, Hymeneu, despena-os ambos.
Alteae cantos, alteae, vós moços
por disfarçar suspiros invejosos,
e vós, ó virgens, turbações visiveis.

¡Viva Hymeneu! ¡Silencio! Ahi bate a hora;
eis o nume, eis o nume; o fogo da ara
ateou-se por si. Vede-o, que rindo
sacode o facho emtôrno dos esposos;
par feliz, fausto agoiro as gnídias pombas
deram rolando, volteando em roda,
unindo os bicos, enlaçando as asas...

já está nos pulsos o festão perpétuo;
já não sois mais do que um.

N'este momento,
n'um fuso novo as Parcas principiam
a torcer juntos vossos fios alvos,
em quanto uma das tres sorrindo, e á pressa,
carrega em rocas de oiro a seda rubra
de amavel numerosa descendencia.

Mãe de Hymeneu, formosa Urânia, exulta,
esquece o teu ar grave; Horacio o disse:
— E' de juiso o doidejar a tempo. —
Mau grado ao longo manto asul celeste,
a á nobre c'roa de astros, que te ufana,
dança co'as Graças hoje; ao teu alumno
devias muito: mas teu filho o ha pago.
Dança co'as Graças, dança co'os Amores,
bella Urânia, e perdoa-lhes o furto,
que te fizeram do compasso e esphera.
Torna-te culta; lava-te da nódoa
de nimia sequidão; faze-te humana
entre os humanos; teus lauréis estremes
não teem a vista de um laurel com rosas;
no que estreme teceste ao teu alumno,
teu filho as entresacha: os bons amantes
tão raros são como os engenhos raros;
uns e outros ganham jus ás cem trombetas.
Deixa que o teu mimoso á glória corra
por estrada não erma.

Embora aquelle
sobre cujo sepulcro inda hoje choras,
embora Newton, só fecundo na alma,
virgem descesse á campa; embora muitos
(sem o tomarem por modelo n'isto)
nos preguem, que a abstinencia é mãe do engenho,
e que a deusa mais sábia era a mais casta:

cada qual tem seu fado, ou tem seu genio,
e mais de uma vereda á fama guia.
Os homens instruir é muito menos
do que instruil-os e augmentar-lhe a especie.
Se é bello andar por céos medindo globos,
bem doce é vir depois gosar na terra
dois globos sem eguaes, por ninguem vistos,
e contemplar os vivos movimentos
de dois astros de amor, onde fulgura
do observador o horóscopo ditoso.
O estar sosinho e mudo como Newton
a analysar a luz, çvalerá tanto
como ser dois a disfrutar as trevas?
Dezasseis lustros sem amor são muito
para comprar mais pompas no epitaphio.
Estudem-se altas leis, que a Natureza
dita aos mundos e aos sóes, cumprindo aquellas
que a mesma Natureza em nós imprime.

Nenhum astro primeiro encéta a noite,
nenhum deixa mais tarde o céu já branco,
e nenhum fulge tão gentil como esse,
que tem da mãe de Amor belleza e nome;
parece posto ali como a atalaia
das horas do segredo, e das carícias,
dos doces furtos, das suaves queixas,
dos tardos prémios, dos triumphos cautos.
Vós que Newton chorais, chora-e-lhe a vida;
vós que estudais o céu, dae culto a Venus.
Tu lh'o dás, caro Folque, e mais que os outros
agora carpirás teu pobre mestre.

Feliz tu, vezes tres e quatro, e tantas
quantas já nos teus numeros não cabem;
feliz tu: dos praseres mais subidos
nenhum ha, que os destinos te não dessem.

Tu conheceste o encanto das viagens;
o de achar a evidencia; o do reinado
dos corações, co'a mágica harmonia;
faltava o que hoje tens, e excede a todos,
dar a ventura e recebê-la amando.

¡Oh! ¡e quanto amará quem tem por sua
essa alma, que respira em tua flauta!
Nunca assim nas arcádicas florestas
o deus, inventor d'ella, e o mais amante,
a fez queixar-se aos eccos admirados.
Labios, que em vagos sons exprimem tanto,
¡que não farão em repetindo — eu te amo!
¡que não farão beijando um seio intacto!

Com dextro pé subais ao ígneo throno,
felizes corações, e amor sem venda
vos seja cada noite o paranymphe.
Pensae, que se nos céos se avista Venus,
tambem lá está Saturno, o deus das eras,
o conductor da morte; aproveitae-vos
da facil mocidade, que não torna.
Para amar-vos fieis por toda a vida
sêde sempre... o que sois: amaveis ambos;
e julgae cada dia o derradeiro.

Para que a desventura vos respeite,
fazei que sempre unânimes vos ache.
Imitae um com o outro esta harmonia,
que reina entre o planeta, em que habitâmos,
e essa gentil satéllite visinha.
Se a lua corre o círculo do anno,
é girando em redor do seu planeta;
se este avança na orbita prescrita,
não deixa atraz um só momento a sócia;
ambos elles teem dia, ambos teem noite,

mas, graças á união com que viajam,
um ao outro allivia, e enfeita as noites,
e reflectindo a luz, mais doce a tornam.

; Ah! cumpra em vós o céo, brilhantes astros,
do vosso ermita as súplicas ardentes;
nunca tereis eclipse, eu vol-o juro,
e correréis uma orbita sem termo.

Emquanto eu cá na serra, entre os meus lobos,
(mas louvores á sorte, ausente de homens)
de ti me lembro, amigo, e em honra tua
orno um bom copo de silvestres flores,
tu a amor, nada mais, por ora entregue,
depois só repartido entre elle, e Urânia,
; terás para a amisade um pensamento?
Sim; ao menos o mez do umbroso Jano,
que ao mundo me lançou, fará que observes
nascer no espaço ethéreo a lyra muda;
muda lyra, em que Orpheu deu glória á Thracia,
e as Thracias não moveu, movendo os Manes.
Se eu te lembrar então, dize saudoso:
«Outra menos brilhante existe agora,
«muda tambem, n'um êrmo em nossa Thracia;
«a que além brilha commovia os brutos,
«refreava os tufões; e esta receia
«mandar o som mais leve ás brandas auras,
«por que feras mais barbaras que as feras,
«por que bandos mais ebrios que as bacchantes,
«não desencantem, não devorem vivo,
«o vate, réo por não cantar a infamia.»

Se desejas pagar-me o puro zêlo
com que a lyra espertei para cantar-te,
dá-me (e darás) em nove luas certas
novo motivo de coroar tres copos.

LV

A RIBEIRA E O LAGO

Fabula que já teve mais sentido do que hoje tem

Uma ribeira plácida,
filha de pobre fonte,
d'entre rochedos asperos
vinha de alpestre monte.

Ia sem nome, e incógnita,
correndo extensos prados,
auxiliar do agrícola
os prósidos cuidados.

Aqui lhe dava o rústico,
nas hortas, franca entrada;
e a clara lymphá argêntea
em ondas derramada,

nos sulcos embebendo-se
nutria os vegetaes;
mais longe diffundindo-se
por concavos canaes,

ia os pomares flóridos
regar no fim do dia;
de pasto verde e róscido
nas margens se vestia.

A' vaga turba alígera,
aos gados e aos pastores,
matava a sêde rábida
co'os frígidos licores.

Das aldeans os cântaros
enchia até no Agosto;
e como espelho lúcido
lhes retratava o rosto.

Co'o fresco e co'o murmúrio
as moças convidava;
e em sombra fria e tácita
os membros lhes banhava.

Quando no inverno bárbaro
os ventos sibilavam,
e os puros ceos diáphanos
de nuvens se affrontavam,

quando silencio lúgubre
nos campos se estendia,
e só da chuva o estrépito
nos bosques retinia,

quando em torrentes rápidas
dos montes escavados
as aguas, derramando-se,
vinham cobrir os prados,

então com maior ímpeto,
com forte murmurinho,
tinha maiores préstimos
por todo o seu caminho.

Cahindo branco e túrgido,
com sua furia toda,
do moinho em leves círculos
voltar fazia a roda;

a galga pesadissima
na vasa do lagar
em prolongado vórtice
fazia remoinhar;

emfim, sereno ou tímido,
correndo o bom ribeiro,
inglório, mas profícuo,
servia o anno inteiro;

já desfalcado e tenue,
mas sempre doce e ledó,
se ia engolfar por ultimo
n'um lago vasto e quêdo.

Bosque de muitos séculos
tolhia aos ventos vagos
turbar o amplo circulo
d'este primor dos lagos.

Verde broquéel frondífero
por cima lhe estendia,
contra as frechadas rábidas
do sol do meio dia.

N'um fresco, n'um crepusculo
de eterna duração,
dos fogos da canícula
zombava o soberbão.

Nas noites solitarias,
a maga Philomela
cantava a paz suavissima
de solidão tão bella.

Do melro a grave musica,
e d'outros mil cantores,
do lago alçava a gloria
nas azas dos louvores.

Nymphas dos valles proximos
o vinham visitar;
ouvia de contínuo
seu nome aos eccos dar.

Gosava quantos commodos
um lago pôde ter;
só lhe faltava o mérito
de proveitoso ser.

Era estagnado pântano,
corrupto, esverdinhado;
beber-lhe as aguas sórdidas
temia armento e gado.

Os vermes habitavam-n-o:
sahia, e nunca em vão,
de seus miasmas pútridos
contínua exalação.

Nas proximas planicies
miserrimas doenças
faziam com seu hálito
as solidões immensas.

Da habitação selvática
fôra jamais passou,
nem de ajudar o agrícola
co'as regas se dignou.

¿A' sua nobre inércia
que póde haver que importe?
só de arvores sem préstimo
nutrir faustosa côrte.

Eis o gentil depósito,
onde a corrente mansa
os seus thesoiros líquidos
continuamente lança.

Um dia a tôrva Náyade
do lago perguiçoso,
olhou seu feudatario
com gesto desdenhoso....

Olhou o, porque o mísero
té ali nem fôra olhado;
e disse-lhe, sorrindo-se:
— «¿Como tu vens cansado!

«¿Como vens pobre e humillimo!
«¿Que bom vassalo que és!
«¿Vêde as rendidas páreas
«que arroja ante os meus pés!

«¿Vil, insolente, pérfido,
«e ousas assim tratar-me?
«Pelos meus bosques, juro-te
que saberei vingar-me.

«Farei que a fonte incógnita,
«d'onde lhe sáis tão pago,
«venha no centro líquido
«correr d'este meu lago.

«Co'uma palavra mágica
«te sumirei no pó,
«sem que de ti, sacrilego,
«fique um vestigio só.»

Não bem findára a Náyade,
annúe a selva; então,
das aves sôa, unísona,
gerál acclamação.

O feudatario mísero
da ameaça van tremeu;
porém comsigo tácito
dest'arte discorreu:

— «Que orgulho e louca insania!
«¿um lago é pois mais nobre?
«¿insulta-me, despresame
«por util ser, e pobre?

«Suppõe, no seu delirio,
«que excede a mil ribeiros,
«por ter antigas árvores
«e alados lisonjeiros.

«¿Com altivez estúpida
«como é que a tal se atreve?
«¿não sabe que a existencia
«ás minhas águas deve?—»

Prelados, Duques, Príncipes,
para não ser molesto
a Vossas Excellencias,
vou resumir o resto.

Longas leituras cançam-vos,
não sendo em pergaminho:
tornar-me hei pois lacónico,
sem me tornar mesquinho.

O meu regato incógnito
de direcção mudou;
e o lago ficou árido
quando elle lhe faltou.

A doce lympha argêntea,
em vez de se estagnar,
foi mais pomares flóridos,
mais hortas foi regar.

O bosque inutil e hórrido
co'o ferro emfim cahiu;
os males dissiparam-se;
a vida ressurgiu.

Estéril e infrutífero
o campo inhabitado
ao curvo dente rígido
se abriu do activo arado.

Aqui termina a fábula:
cautela co'as violencias;
Deus guarde infindos séculos
a Vossas Excellencias.

LVI

AS DUAS PRIMAVERAS

Lapa dos Esteios, Maio de 1826.

Non semper idem floribus est honos
Vernis.

HORAT. *Od.* lib. 2. xi.

E' este o aprasivel sítio,
a gruta amena e florída,
onde gosei, entre amigos,
o dia melhor da vida.

Eis o rio argênteo e manso,
o caes vistoso e pequeno,
o abóbada de verdura,
o ar macio, o ceo sereno.

São estes mesmos, são estes,
os favónios, que eu senti;
ali gorgeava um melro,
um melro gorgeia ali.

Foi n'esta gruta que outr'ora,
coroadó de brancas flores,
eu cantei a Primavera,
e por ella ardi de amores.

Então viessem as nymphas
e a rainha de Cythéra,
não poderiam mover-me,
que eu era da Primavera.

Suspirei, chamei mil vezes;
gritos, ais... foi tudo em vão;
nunca encontrei no universo
quem tinha no coração.

Essa linda e joven deusa,
cujo sorriso celeste
o mundo cobre de flores,
de alma luz o ceo reveste;

essa deusa, pelos vates
tantas vezes celebrada,
de Flora sempre seguida,
dos favónios cortejada;

essa que doces desejos,
praseres e amor inspira;
que eu ameí, que tantas vezes
celebrei na curva lyra,

jamais existiu na terra;
foi minha credulidade,
foram do estro os delírios,
que lhe deram realidade.

Nasceu de uma voz secreta,
que n'alma senti gritar:
—«Es mancebo, é tempo, escolhe;
«é tempo, deves amar.»—

Quiz seguir a lei sagrada....
mas não encontrei jamais
que valesse os meus suspiros
uma só d'entre as mortaes.

N'umas o genio orgulhoso
se oppunha á minha ternura;
n'outras o estudo affectado;
n'outras o ar da loucura.

Qual era da ira escrava;
qual invejosa e mordaz;
qual do trabalho inimiga;
qual inimiga da paz.

Os vícios, os prejuizos
encontrava em todas ellas;
em todas ellas reinava
o genio das bagatellas.

Fujâmos da baixa terra,
gritei ao meu coração;
e procuremos um ente
digno da nossa paixão.

Da Natureza no seio
vi uma linda chimera;
segui-a, tornei-me escravo
da deusa da Primavera.

Pelas mãos da Natureza,
já preparado o vulcão,
pode accender-se, e violento
rebenatar do coração.

Era um sonho o lindo objecto;
mas, inda que um sonho fôsse,
eu, tendo-o na phantasia,
tinha d'elle a amavel posse.

Foi então que, todo cheio
da minha grata loucura,
corri a collina, o prado,
a gruta, a fonte, a espessura.

A's aves, ao ar, ás flores,
a tudo quanto encontrava,
notícias da sua e minha
bella deusa eu perguntava.

Mas passou-se a flórea quadra,
do anno o tempo melhor,
a estação de mil prodigios,
de praser, de paz, de amor.

A minha doce loucura
então senti destruida;
doce loucura que um ponto
foi de luz na escura vida.

Se esta illusão fosse eterna,
za que outro invejar podéra,
o amante de uma deidade,
o amante da Primavera?

O tiranno deus de Gnido,
a quem meu passado culto
talvez parecêra estranho,
talvez parecêra insulto,

quiz, vencendo-me, coroar-se
de novo, difficil loiro:
accendeu seu facho ardente,
poz no arco a setta d'oiro.

Viu Julia, e bradou:— «Tu, deusa,
«terás da victória parte:
«vou pôr um rebelde em ferros,
«e novo escravo entregar-te.»—

— «Temerario audaz mancebo,
«toma a lyra (então me diz);
«canta, que eu soube vingar-me
«tornando-te mais feliz.»—

Suspirei; nos meus suspiros
senti divino prazer;
¿ceos! ¿quem obrou tal prodigio?
¿que nume tem tal poder?

O' tu, que as deusas excedes,
mortal, de quem geme escrava
est'alma, que as proprias nymphas
indignas de si julgava,

tu não és de meus delirios
uma ficção passageira:
eu fui de um sonho alguns dias,
serei teu a vida inteira.

Substitue a Primavera
na posse dos meus amores;
pódes, tão linda como ella,
encher-me a vida de flores.

Sabes o que ella não sabe:
os meus extremos ouvir;
responder aos meus affagos;
aos meus ais retribuir.

E's adoravel, existes,
tens engenho, e tens ternura;
pódes, o que ella não póde:
fazer a minha ventura.

LVII

METAMORPHOSES DE TODOS OS TEMPOS

Viu Gertruria n'um quadro deleitoso
uma Leda gentil, que era affagada
por um cisne sem par, alvo e formoso;
e leu por baixo esta inscripção gravada:
—¡Ah! ¡que não póde sôbre o triste humano
o que assim trata a Jupiter sob'rano!—

Junto d'este, outro quadro figurava
prado, nymphas, Europa, e o niveo toiro,
lambendo os pés da bella, que o coroava;
e em baixo esta legenda em letras d'oiro:
—Vibra o raio, enche os ceos, fez o que existe,
gigantes vence, e a amor em vão resiste. —

Sorriu Gertruria; e cheia de vanglória
bradou—«¡E pinta-se isto?! ¡e é commentado?!
«¡E acham-n-o digno de immortal memória?!
«D'estas faço eu sem ser o nume alado:
«¡pois eu não mudo o meu André Maria
«em pato sempre, e em toiro cada dia?!»

LVIII

AO SNR. JOÃO JOSÉ BORGES

EXCELLENTE COMPOSITOR DE MUSICA

Epistola acompanhando um exemplar do meu livro
"Amor e Melancolia"

1828

¿Entre as serras e o mar quem jaz sentada
na rocha nua? A brisa solitaria
lhe ondeia negra veste, e tranças negras;
o clarão róseo do incendido occaso
tinge ao pinheiro as baloiçadas ramas.
¿Por que não dá seu fúlgido reflexo
sobre esse rosto pálido? ¿que ideias
lhe vôm negras na assombrada mente?
¿Por que rasão seus olhos descuidados
correm de leve as mattas venerandas,
os arduos montes, as planicies verdes,
e o, sem fundo nem fim, turbido Oceano,
para poisar no gothico mosteiro?
¿Ah! ¿que assaz por seu ar se lhe adivinha!
Só descortina a face do Universo
pelo prisma das lagrimas. ¿E' morta
sua irman, sua filha, entre essas virgens?
não: mas respeito aos soltos devaneios

da musa melancolica do êrmo,
sócia infeliz do adorador de Julia.
Vão-lhe os dias em pranto, em pranto as noites,
na solidão se apraz, no horror se nutre,
e como se ama o riso, ama os lamentos.
Os filhos do praser, que ao longe ouviram
seu amargo queixar na voz dos eccos,
n'alma pasmaram de paixão tão nova.

¿Que seria, se ao musico instrumento
casasse a sua dôr, seus ais, seus versos?

Mas ¿que instrumento musico os diria,
senão essa que ha seculos intacta,
lyra de infausto amor, lá jaz pendente
dos alcantis phebeus sôbre ínvio cume;
lyra depois de Orpheu tocada a furto
só pelas plumas de celestes auras?
¿Quem ao loireiro ethéreo, onde se embala,
ousaria voar, trazêl-a á terra?
Cisne, cisne da magica harmonia,
podes, ousa, transpõe, assombra os ares,
furta ao ramo o fatídico thesoiro,
trase-o n'um vôo á musa do deserto;
que forte por teu don derrame enchentes
de ignota, omnipotente melodia.

Concebidos na dôr, despídos d'arte,
acerbos frutos de paixões sombrias,
seus versos teem o jus dos desgraçados:
aos desgraçados lagrimas arrancam.
Mas de tua arte accresçam-lhe os prestigios,
ensope o doce canto as agras queixas,
e o segredo das lagrimas aprendam
os olhos sêccos de mortaes ditosos.

¡Quanto allivio é na dôr o ser carpido!
o veneno das settas do infortunio
obtem co'o pranto alheio um lenitivo.
Reune aos versos meus teus sons divinos,
luso Amphião, empresta ás minhas queixas
a persuasão sympathica do canto;
e os que me ouvirem, gemerão comigo.

Nas paixões grandes, intimas, revôltas,
quando em fogo as entranhas se derretem,
e o coração esvoaça pela mente;
quando ao poder de um nome se anniquilam
os ceos, a luz, e a terra, excepto um ponto...
¡quanto é pouco o que exprime a phrase nua!
N'essas horas excentricas da vida,
caia a lyra dos ceos nas mãos do genio;
os anciados segredos de repente
borbotarão na voz, nos sons das cordas,
cordas que em longa escala se variam
de metal em metal, desde o oiro ao ferro,
desde a expressão do riso ao tom das campas.

A musica, essa harmónica linguagem,
unica universal, e sempre clara,
bem que diversa entre as nações diversas,
é a porteira que franqueia a entrada
do encantado Universo dos delirios.
Tudo é dominio seu: a vida, a morte,
ceo, terra, abysmo. sonhos, existencia,
a saudade, a esperanza, o gôsto, as penas;
Protheu maravilhoso anima tudo,
diversa em ar e em gesto: entre os pastores
pastorinha amorosa engrinaldada;
ameaçadora e audaz ante as phalanges;
risonha nos festins; nos templos séria.

Vêr como a terra se anniquila aos olhos
na escuridão da noite, e como inteira
ressai do cahos ao fulgir da aurora;
cora e sorri co'a luz a rosa nova;
alegra-se a seara; o mar se antolha
vasto e sublime; tristes as montanhas;
melancolica a pedra funeraria.

A melodia é a luz que extrai do cahos
as palavras sem ella amortecidas;
com ella a dôr é dôr, e o gôsto é gôsto.

Surge, Amphião, preenche os teus destinos;
as fadas embalando-te na infancia
te votaram cantando á eternidade.
Na boquinha entre-aberta e adormecida
mel do Parnaso as sylphides vertêram.
Cumpre a tua missão; assaz Thalia
cantor te ha visto de seus brincos faceis:
aguia póde adejar por entre flores,
mas é seu fado remontar-se ás nuvens.
Imita a Natureza: a Natureza
foi de tua Arte a mestra, e é seu modêlo;
tomou por harpa a face do Universo;
mas vê com que espantosa variedade
corre todos os tons: terrivel, fera,
no rolar do trovão; selvagem, bruta,
na cataracta; augusta no Oceano;
voluptuosa no zephyro entre os mirtos;
triste no mocho; languida, saudosa,
na agua fugaz do arroio trepidante;
nas falas infantis alegre e ingénua;
diversa em cada objecto, e bella em todos.

Aos risos folgasãos furta-te um dia;
entra em meu coração, sonda este abysmo;

concebe quanto eu sinto, e expõe-n-o ao mundo.
Do que me vai cá dentro, um pouco apenas
nos versos transluziu; mas se interessam,
mais que os vulcões do globo, os vulcões da alma,
o que a phrase não poudé, exprima o canto.
Das mais vivas paixões pinta os extremos,
e das graças o apuro, uma Heloisa.

Dá-me embora um rival em cada ouvinte;
mas, para os aterrar, do som do raio,
ou do igneo, ondeante terremoto,
tira o som com que exprimas o ciúme.
Se adivinhas meus intimos segredos,
transmitte-os á memória do Universo
na harpa dos mais amantes d'entre os anjos,
na harpa dos seraphins, harpa assombrosa,
aonde as vibrações são labaredas.

LIX

POESIA FRANCEZA

Não são muitos os que sabem uma Lingua; duas, pouquissimos as alcançam; de tres, e d'ahi por diante, citam-se innumeraveis, mas não creio eu que exista um só; cada Lingua é uma sciencia, e sciencia em que todas as sciencias entram como elementos. Horacio gabava em Mecenas o saber duas Linguas, a sua e a grega; *docte sermones utriusque linguæ*. ;Mas o grego de Mecenas pareceria a um Atheniense tão para gabos como o cantava Horacio? Apostára eu cem sestercios em como não. ;E ver o que ahi vai hoje de polyglótos! Afóra o hebraico, o chim, o portuguez, e mais duas ou tres Linguas barbaras, falamos todas: e sendo necessario escrevel-as-hemos tambem. ;Mas como as escrevemos e as falamos nós? como se vê e se ouve todos os dias. O nosso bom Antonio Ferreira tinha pelo contrario a presumpção de não haver nunca feito um verso em Lingua alheia; mas em trôco fez todos os seus em portuguez de gente. A quem eu crear, darei sempre por conselho, que siga antes n'isto a Ferreira que a Luiz de Camões, Gil

Vicente, ou Jorge de Monte-mór. Bem vai em saber as peregrinas falas; ás vezes serve para a vida e serve sempre para ampliar estudos de Literatura; em tal, bem se applica o dito d'aquelle sabio Monarcha de Hespanha:— «Quem tres Linguas sabe, tres homens vale»; no entendel-as e sentil-as está porém o proveito; o ridiculo vai no presumir que n'ellas se prima em escrevendo.

Dei a sentença; que me julguem agora por ella, que assim poetei em latim e em francez. Só desejo de ser ouvido antes de executado; se m'o concedem, aqui está o que por mim allego como *circumstancias attenuantes*.

O latim, que é já hoje *res nullius*, e por cujas perdas e damnos ninguem virá penhorar-me, foi os meus primeiros amores; e por uns amores primeiros póde-se ainda fazer, sem extranheza, alguma loucura; o francez, esse tem na verdade muitos fiscaes, e não se póde assim violar impunemente; mas em francez nunca eu compuz senão quando a isso me houve como quer que fosse por obrigado (obrigação e necessidade em todos os codigos foram sempre boa defesa.)

Recolhendo-me a casa a 15 de Dezembro de 1839, á noite, acho com uma carta sem assignatura um soberbo album, que um desconhecido viera trazer; na carta se me pedia que attendesse ao livro, e o restituísse ao portador, que o iria buscar. No album nada mais havia escrito que o seguinte:

A M. DE CASTILHO**Sur son poème la «Primavera»**

Lisbonne, Novembre 1839.

O chantage du printemps! ton livre en a les charmes.
Que ta muse est aimable en ses simples atours!
Elle a pour les heureux les parfums des beaux jours,
Et pour les cœurs souffrants le doux trésor des larmes.

Tu me rends le hameau, le foyer paternel,
L'amour, les vœux, les pleurs, le souris d'une mère,
Le temple, d'où le soir ma naïve prière,
Avec l'encens des fleurs, montait vers l'Éternel.

Oui, mon bonheur passé, oui, tous mes jours de fête,
Ces lares, ces amis fiers de mes premiers chants,
Oui, tout renaît pour moi dans tes tableaux touchants;
Tel l'azur d'un beau ciel dans l'onde se reflète.

O bardes inspirés! semez partout des fleurs.
Que votre voix magique endorme la souffrance;
Dans les cœurs attristés ranimez l'espérance;
O célestes amis, enchantez nos douleurs!

Êtres que Dieu forma d'amour et de lumière,
Bardes selon son cœur! purs échos de sa voix!
Harpes des saints parvis qui vibrez sous ses doigts!
Il vous prêta des chants pour consoler la terre.

Vous trompez nos regrets, vous savez assoupir
Ce vague et long ennui, vautour insatiable,
Qui ronge au fond du cœur la fibre impérissable,
Qui toujours renaît pour souffrir.

Poète! que ta main trace sur cette page
Une ligne et ton nom! Dans mon pays aimé,
Avec un doux orgueil, un jour mon cœur charmé
Répètera ce nom cher aux échos du Tage.

Une ligne et ton nom! Que sur ces bords lointains,
Une voix sainte et pure, à ma voix inconnue
Réponde avec amour! Que ma lyre éperdue
Eveille, en gémissant, ta lyre aux sons divins!

Une ligne et ton nom! Oubliant la tempête,
La fleur qui se penchait sous les froids aquilons,
Pour sourire au soleil, relèvera sa tête,
Et de son humble éclat ornera les vallons.



NOTA. — Le poète, le savant, l'homme vraiment extraordinaire à qui les vers précédents, s'adressent, est depuis l'âge de quatre ans privé de la vue.

LX

Não podendo adivinhar quem o anonymo fôsse, e sentindo-me de véras filho de Eva como todos nós, dei-me pressa de obedecer ás tão cortezes súplicas da Musa, notoriamente franceza; e pareceu-me (talvez sem rasão) que á minha deveria para isto preferir a sua linguagem. A segunda pagina do *album* recebeu os versos que seguem, e que assignei:

RÉPONSE DE M. DE CASTILHO

Au milieu de ce bruit d'un éternel orage,
Quand le monde grandit vers un pôle inconnu,
Comme le cèdre altier au haut d'un mont sauvage
Par les vents opposés croît toujours soutenu;

Quand un siècle géant, sur une terre impie,
Va de son pied d'airain broyant les temps passés,
Et qu'on n'entend plus rien que la confuse orgie
Des égoïsmes insensés;

Quelle est cette voix solitaire,
Qui, pleine d'amour et de foi,
Comme un beau rêve sur la terre
A daigné descendre sur moi?

Oiseau qui te caches dans l'ombre,
Je te devine à ta douceur;
Sors pour moi de ta grotte sombre,
Esprit dont mon âme est la sœur!

Pourquoi, timide violette,
Te cacher sous l'épais gazon?
Viens! ton oiseau, c'est le poète;
L'heure d'aimer c'est ta saison.

Tous deux nous chantons des prières,
Baume divin des cœurs souffrants;
Notre Dieu, nos berceaux, nos mères,
Reçoivent toujours notre encens.

Par la mort, pour nous rien ne tombe
Dans ce néant cher aux pervers;
Tous deux nous avons pour la tombe
Des entretiens, des pleurs, des vers.

Dieu mit en nous sa poésie,
Comme une secrète onction,
Qui préservât notre humble vie
De l'affreuse destruction.

Cygne plaintif au blanc plumage,
Que la mort atteint de son trait,
Pourquoi gémir sous ton ombrage
Où nul écho ne te distrait?

Viens, j'ai souffert, j'ai la voix douce;
Viens, que je berce ta douleur.
Dans la pitié, doux nid de mousse,
On dort sans rêver de malheur.

Et quand les lieux de ton jeune âge
Enivreront ton cœur guéri,
A tes amis, dans cette page,
Montre le nom de ton ami.

LXI

Faltava responder á carta: aproveitei o lanço para exprimir ainda mais claramente o insoffrido desejo que me atormentava de conhecer tão amavel correspondente. No dia seguinte ao da partida da carta e do livro, torna o portador com esta epistola a M.^{me} de Castilho, assignada *Pauline Flaugergues*:

A MADAME DE CASTILHO

Lisbonne, Décembre 1839.

Je chanterai pour toi, compagne du poète !
Ange au pieux amour, au front noble et charmant !
Laisse les pénétrer encor dans ta retraite,
Ces vers échos d'un cœur aimant.

Plus doux est ton parler que les plus douces lyres.
Dieu para tes vertus de talents enchanteurs.
Ta bouche a, je le sais, d'angéliques sourires,
Charme des rêveuses douleurs.

Compagne du poète! ah! je t'aime et t'appelle.
Quand l'étoile scintille en un ciel de saphir,
Quand la fleur, qui s'endort sur sa tige nouvelle,
A livré ses parfums au souffle du zéphyre;

Quand le lierre embellit le chêne qu'il embrasse,
Quand la rose, à côté du lis majestueux,
Brille de son éclat et lui prête sa grâce;
Alors mon cœur pense à vous deux.

O' mon Dieu, dis-je alors, aux anges de la terre
Donne autant de bonheur qu'à tes anges du ciel!
Donne-leur un jour pur que nulle ombre n'altère,
Une coupe enchantée où déborde le miel!

Grâce à toi, grâce à toi, dont la main bienveillante
Traçe sur le vélin des mots consolateurs!
Que le ciel, s'il se peut, à ma voix suppliante,
Serre encor tes liens de fleurs!

Ces vers harmonieux que dicte un autre Homère,
Qu'ils sont touchants, transmis par ta pieuse main!
Des pleurs en les lisant ont mouillé ma paupière.
Compagne du poète! il est beau ton destin.

Ton nom comme ses chants vivra dans la mémoire,
Et ton saint dévouement charmera l'avenir.
Il te doit le bonheur, tu lui devras la gloire;
Pourrait-on l'admirer et ne pas te bénir!

PAULINE FLAUGERGUES.

LXII

Excusado é dizer se foi para nós uma alegria o descobrimento de nos acharmos assim inesperadamente em relações (podêmos dizer íntimas, que taes são sempre as dos poetas) com a autora de tão formosos versos como todos havíamos lido e decorado no jornal *L'Abeille*, com a poetisa já então premiada com a violeta d'oiro nos *Jogos floraes*, pelo seu donoso poema de *Clemencia Isaura* (e hoje pelo Governo de França com uma pensão vitalicia).

Não são tão numerosos na vida os dias agradaveis, que devâmos perder a memória d'elles. Todos os que *Mademoiselle Flaugergues* nos encantou com a sua presença e com os seus versos, ficaram em nossos corações gravados como saudades indeleveis, e estou que ainda hoje lhe lembrarão: ; é tão delicioso para o talento o sentir-se entre quem o aprecie! Na sua primeira visita diligencieei que viesse achar, em nossas modestas salas, quanto lhe podesse dar gosto: uma sociedade pequena mas capaz de a entender; testemunhos de amizade cordeal, que dêssem, se é possível, uma lembrança, uma illusão de sua gente e de sua casa tão remotas; um bom fogão á moda da sua França; uma pouca de

musica, particularmente de romances francezes; todas as portas arqueadas de loiros; e para ella uma coroa de flores. Por esta occasião lhe fiz uns versos, de que não sei que feito foi, mas sôbre os quaes, requerendo-lhe eu que m'os emendasse ella, me escreveu estes, que, embora vá quebra na modestia, não deixo de copiar do seu livro, onde ella teve a delicadeza de os inserir sem nomear a quem se dirigiam.

A M. DE CASTILHO

Reponse a une épître

Lisbonne. Décembre 1839

Tu veux, ó maître de la lyre,
Que je retouche tes beaux vers:
Quoi! le faible ramier qui dans les bois soupire
Doit-il apprendre à l'aigle à planer dans les airs?

L'arbrisseau qui s'incline et qui penche sur l'herbe
Ses rameaux éplorés,
Soutient-il le chêne superbe
Qui va cacher son front dans les cieux azurés?

Moi, je suis le ramier de la verte saulée;
Mon chant n'est qu'un soupir:
Doux roseau, je m'abrite au fond de la vallée;
Tout vent me fait frémir.

Et toi, barde inspiré, nouveau cygne du Tage!
Toi que le ciel regarde avec des yeux d'amour,
Ta gloire illustrera le fortuné rivage
Où tu reçus le jour.

La lyre harmonieuse au burin de l'histoire
Est unie en ta main,
Des temps qui ne sont plus, tu nous rends la mémoire;
Tout s'anime à ta voix comme au verbe divin

Chante! ta voix est douce à toute âme blessée
Qu'attriste un amer souvenir;
Ravie, en t'écoutant, vers le ciel élancée,
Elle appelle et contemple un meilleur avenir!

Charme de l'existence, ó sainte poésie!
Que je te dois d'encens, que je te dois d'amour!
Tu jettes bien des fleurs sur ma pénible vie;
Grâce à toi, dans ma nuit a lui plus d'un beau jour.

C'est à vous, ó mes vers, à toi mon humble lyre,
Que je dois ces amis que j'apprends à cherir,
Leur gracieux accueil, leur bienveillant sourire,
Leurs hymnes qu'ils daignent m'offrir!

PAULINE FLAUGERGUES.

LXIII

Além dos serões de perfeita intimidade, passados familiarmente em conversação desambiciosa, leituras faceis, e alternada recitação de versos nossos, uma noite me lembra de que ella me pareceu summamente satisfeita, porque lhe dei encontrar reunidos alguns dos nossos principaes talentos, mormente poeticos, que ella suspirava por conhecer, taes como os Srs. Garrett, Alexandre Herculano, Manuel da Silva Passos, Mendes Leal, Fonseca Magalhães, Antonio Luiz de Seabra, Pereira Marecos, Silva Tullio, meu irmão Augusto Frederico etc., etc. Foi um banquete de poesia, cuja memória me seria tão doce, como a da *festa da primavera* na Lapa dos *esteios*, se entre essa e esta não houvessem já decorrido tantos annos, dos que mais envelhecem a alma.

Mas não é rasão cançar mais a meus leitores com regalos domesticos impossiveis de repartir. Concluo por agora esta amostra de poesia franceza com os lisonjeiros, mas formosos versos, com que Mademoiselle Flaugergues festejou o nascimento do meu primogenito; versos que, pelo empenharem a elle em grandes obrigações, com muito melhor vontade ponho aqui, não obstante o poder alguém attribuir-m'o a vanglória.

HOROSCOPE

Tu Marcellus eris !

VIRG.

Jeune enfant, tu seras poète !
Déjà, sur ta débile tête
Je vois, je vois briller le laurier paternel.
Que la muse te donne un baiser fraternell

En songe, elle t'a vu bégayer et sourire. . . .
Tes premiers mots étaient des chants.
Ta petite main rose, en jouant sur la lyre,
Faisait voler des airs touchants.

Enfant, heureux enfant, oui, tu seras poète !
Oui, d'un œil enchanté tes pas suivront l'essor !
Vers toi je vois descendre un ange aux ailes d'or,
Qui, pour ton jeune front, tient la couronne prête.

Que ton heureuse mère, en admirant tes charmes,
Nous entende applaudir à tes premiers essais !
Et vous, à qui j'adresse un *adieu* plein de larmes,
Dites lui qu'une amie a prédit ses succès !

PAULINE FLAUGERGUES

Todas as composições francezas que se acabam de ler, atóra a ultima, acham-se publicadas na bellissima collecção, que sob o titulo *Au bord du Tage*, par *Mademoiselle Pauline Flaugergues*, se imprimiu em Paris em 1842.

LXIV

O COMMERCIO DE CYTHÉRA

EXPLICAÇÃO DADA AOS QUE SÓ LÊEM PELA RAMA

A rasão por que eu não deixo fóra d'esta collecção este brinquedo poetico, é porque já corre por muitas mãos e ha muitos annos. A rasão porém por que eu desbaratei horas em fazel-o, essa, muito agradeceria eu a quem m'a podesse explicar. Assim é fadado o nosso espirito ; nasce n'elle ás veses, ao pé de uma coisa boa e util, outra ruim ou de nennum prestimo. E' como na terra, sob a raiz de uma oliveira, um cogumello. Pois viva o cogumello, já que nasceu; ainda assim o meu cogumello poetico não é dos venenosos, a que chamam de sapo : o intuito moral d'estes versos foi cifrar em symbolo parte do meu pensamento sôbre uma questão das duzias, a que assistí quando ainda estudante. Tratava-se de comparar entre si para preferencias os differentes fins, onde o amor, ou o que amor se chama, póde levar o homem. O estado conjugal perfeito, que é o mais perfeito de todos os estados, não entrava na controversia ; esse, concor-

davam quasi todos em que dava a maior felicidade possivel sôbre a terra. Tratava-se dos amores comprados e vendidos; são ambas estas miserias, as que a musa faceta ridiculizou. O ultimo versò é sermão para os tolos, que imaginam podêrem-se mercar os corações; o penultimo é censura a não pequena parte da moderna sociedade, para quem as riquezas, embora havidas em trôco da honra, são dignas de festejos e respeitos.

CANÇONETA ATRAVESSADA

De certo porto da Europa
sahiram para Cythéra
uma náu e uma galera,
para o commercio d'amor.

--*Vista grossa*—era o piloto
da galera—*Extravagancia*—
da náu por nome—*Constancia*—
capitão—*Gentil Fervor*.—

Leva a náu a carga de oiro;
galhardetes a milhares;
véla ao vento, e prôa aos mares,
vôa, qual vôa o tufão.

A outra a segue de longe.
Materia grossa e comprida,
ouca, dura e retorcida,
tomou por carregação.

O nome ninguém pergunte;
 não tem nome no Parnaso:
 d'ella se faz muito vaso,
 businas, pentes, e anneis;

em brutas testas se cria;
 e é d'esta materia torta,
 segundo Virgilio, a porta,
 que envia os sonhos fieis.

A que devemos ás damas
 delicadeza discreta,
 tapára a bocca ao poeta,
 que a tentasse nomear.

Basta saber que só d'isto
 vai cheia e raza a galera;
 de oiro a náu. Vão a Cythéra
 ambas ellas traficar.

« ¡Boa viagem! ¡bom vento!
 « ¡Bom negocio, e volta breve!»
 lhes bradava a turba leve,
 que ao bota-fóra correu.

Ou n'uma, ou na outra carga,
 todos * iam int'ressados.
 Fogem-lhe os nortes alados
 co'o rico thesoiro seu.

Veem e vão os soes e as luas;
 cresce a esp'rança; o mêdo enfia;
 até que enfim rompe o dia,
 que ao longe uns mastros conduz...

* Cuidado com o *todos*: não se refira o termo ao genero humano, mas só á turba leve ou leviana de que acima se falou.

«São... «Não são elles... «São elles»...
«Juro... «Aposto...»—Assim ferviam;
e já mais perto se viam
as vélas, crescendo a luz;

já se conhecem as prôas:
vem de nereidas cercada,
vem de flores enramada
a galera triumphal;

purpúrea véla lhe ondeia;
tritão troando a annuncia;
pela propria mão a guia
da espuma a filha immortal.

Segue-a a náu, que vem pendente,
rombo aberto, e véla rôta,
derreada da derrota,
vergonhosa, escura, e só.

Deitam ferro; abordam lanchas;
sobem chusmas de int'ressados:
«¿Ganho ou perda?» são seus brados,
mal tocam no portaló.

«Descei, vinde-o ver» lhes tornam
os da náu e os da galera;
«nosso commercio em Cythéra
«de trocas todo constou.»

Pontas levava a galera,
oiro a náu: por fim de contas,
traz oiro quem levou pontas,
pontas quem oiro levou.

LXV

POESIA DINAMARQUEZA

Filinto verteu o Oberon (e foi o que mais graciosamente escreveu em sua vida) sem entender uma palavra do Wieland. Os Francezes, de todas as linguas trasladam, intrepidos e denodados, não sabendo quasi nunca mais do que a sua; muitos dos nossos hoje, sem saberem nem sequer a sua, castigam os Francezes, traduzindo quantas lástimas elles por lá engendram. Quanto ao dinamarquez, de que me apresento traductor, confesso que o sei tanto como os nossos sabem francez, como os Francezes sabem as outras linguas, e como o Filinto sabia o allemão. Sem embargo affirmo que traduzo fiel, porque nada mais faço do que passar para verso a prosa portugueza, em que a minha amavel e instruida leitora me vai dando desfeitos os versos (se não é peccado chamar verso; ás regrinhas deseguaes da mais surda lingua que nunca houve) dos muitos, e muito bons, poetas da patria de Hamlet.

Pela fidelidade de tal intérprete poria eu as mãos no fogo.

SAUDADES DA PATRIA

Poesia do Dinamarquez Oelenschlaeger, achando-se em Italia

TRADUÇÃO

¡Que extranha viração da tarde é esta!
¿Onde quereis levar-me o pensamento,
magas fragancias da florida terra?
¿Onde ídes vós? ¿transpondo o mar sem termo,
ídes-me á Patria, á minha doce Patria?
Se chegais lá, dizei-lhe ¡oh! ¡por piedade!
lhe dizei meus occultos sentimentos,
estas saudades, este mal sem nome
que tanto no interior me está doendo.

Já por detraz dos penhascosos cumes,
vermelho sol te escondes; ¡e eu cá fico,
n'este ermo escuro, só! Na minha terra,
na terra onde eu nasci, não ha taes montes;
não n os ha, não n os ha; sou d'ella ausente.
¡Já esta noite no meu bosque de Hertha
não poderei dormir! Lembra-me ouvil o
a um Norueguez: — «Os gostos verdadeiros,
«só a Patria em seu gremio os enthesoira.»
De rochas morador, filho de Helvécia,
tu me disseste o mesmo: — «Uma saudade
«terna, viva, piedosa, acceza, santa,
«vos chama aos vossos montes costumados.»

¿Mas cuidam que só montes nos atrahem?
D'estes, como de brenhas horrorosas,
meu ânimo erradio anda fugindo.
Se do esguio pinheiro oiço o sussurro,

¡ai! ¡bosques, onde estais, queridos bosques
da minha Patria, exclamo! amenos rios,
que serpeiam por cá, não geram somno,
que doce me descance o pensamento;
lá não ha rios, nos meus patrios campos,
é tudo sêcca argilla, areia esteril;
sim, mas o argênteo mar azul-celeste
com abraços de amor cinge essas terras,
como extremosa mãe as nutre, as beija;
e quasi que no seio entra a brincar-lhe
co'as formosas florinhas, que lh'o adornam.

¡Oh! ¡silencio... silencio!... oiço um barquinho,
que entre os canaviaes e as sarças densas
além com o brando zephyro se embala!
¡de uma nympha oiço o canto mavioso,
que bordam sons de cythara! ¡ó mistura,
ó poesia, ó feitiço d'alva noite!
¡ó divina, ó suavissima toada!

¡Coração, que te falta? e vós, meus olhos,
¡vós, lagrimas verteis quando ella esparze
harmonia, tão meiga aos ceos da noite!
Lingua formosa é esta; ¡mas quão outra
da minha Patria Lingua! estas palavras,
as palavras não são, que outr'ora ouvia
lá na patria cabana ao rez dos bosques.
Serão phrases mais placidas, mais bellas,
será mais bello e placido este canto...

¡Perdoae-me se eu choro! perdoae-me
lagrimas que por si me estão brotando;
quem geme não sou eu, geme a saudade!

¡Saudosissima esta água está manando;
vai tão serena, tão fagueira a noite!
já lá no bosque meu tive horas d'estas:
¡ai! tive-as; esse o bem que me envenena.
Deus me privou de mãe na prima infancia;
amargo foi o golpe; inda, com tudo,
tinha outra mãe no mundo: é mãe a Patria.
¡Vel-a-hei eu nunca mais? fragil, incerta
corre a nossa existencia em mãos do acaso.
¡Ai! poderei sequer do seu regaço
mandar aos ceos meu ultimo suspiro?...

LXVI

O CEMITERIO CAMPESTRE

NOTA PRÉVIA

Esta poesia é imitada do dinamarquez de *C. A. Lund*, que a imitou de *Gray*, que a imitára do allemão, que a imitaria sábe Deus d'onde, porque, em materias taes, pouco mais se póde fazer que imitações. Tanto é certo, que o natural verdadeiro é o bello universal. Em todos estes versos nada vai novo; pelo contrário: não ha pensamentos mais vezes repetidos em todas as linguas, em verso e em prosa, na conversação e nas meditações, pelos espiritos illustrados como pelos ignorantes. E com tudo, estas idéias, milhões de vezes repetidas, ainda não enfadaram nem enfadarão nunca. E' o que succede a respeito das estrellas, da lua, e de todas as formosuras da Natureza. Tambem eu poetei o meu cemiterio campestre: não o ponho aqui, porque o seu logar proprio é no volume, que immediatamente vai seguir a este, o *Presbyterio da Montanha*; e já outras duas vezes o havia feito: a primeira no fim do meu poema *Um dia de primavera*; a segun-

da, no *Amor e melancolia*. ;E Deus sabe que de vezes não volverei ainda com os meus cantos ao mesmo assumpto, emquanto elle proprio m'o consentir, e me não condemnar ao perpétuo silencio por baixo do murmúrio das suas árvores!

E's as vascas do dia que fenece,
crepúsculo da tarde; o sino ao longe
diz para a terra — «Orae»; diz para os ares
— «;Entristecei-vos, que se ausenta o dia.» —

Volve á cabana o rustico; a seus ramos
a ave; ambos os dois convida o somno:
elle, da escrava lida a repousoar-se;
ella, de liberdade, amor, e cantos.

Por toda a Creação reina o silencio.
;Vão-se ao longe no vago do horizonte
os montes a esvahir! ;Que pensamentos
n'esta hora tão solemne me despertas,
muda estancia da Cruz sagrada aos mortos!

Do fadigoso dia aqui descança
o lavrador com regalado somno,
que nunca mais o gallo ha-de quebrar-lhe.
Não n-o distinguem marmores: seu nome
desceu co'a tumba á terra, e jaz desfeito.

;Salve, ó bosque sombrio dos finados,
;salgueiros, que abrigais co'as pias ramas
estes da vida ephémeros espólios!
;Salve, árido jardim, do somno eterno,

onde só cardo agreste enlaça c'roas
á sepultura raza em que é nascido!

¡Quantos não poisam n'este campo obscuro,
de virtude maior, mais san piedade,
que outros, a quem da honra insignias ornam!
talvez mais véras lagrimas banhassem
o pinho de seus féretros, que os jaspes
com que a deidades vans vão templos se erguem.

¡Quantas calcam meus pés formosas virgens,
flores da sua aldeia, a cujas graças
nunca deram realce o oiro, as jóias!
Falando, a paz dos Céos annunciavam;
exprimiam dos Ceos o amor, sorrindo.
Inda um amante, um noivo, aqui divaga,
dando seu chôro ardente a cinzas frias.

¡Oh! quando esta mansão me abrir suas portas,
a mim, tambem seu hóspede, ao tristonho
dobre dos sinos; quando manso e manso,
ao som dos cantos lúgubres, a terra
me houver sobrecahido, e eu desapareça...
aqui tambem vireis, ó meus amigos,
sobre um ente chorar que vos foi caro,
e co'o pranto unireis memorias doces.
Aqui, pelo crepúsculo da tarde,
se hão-de ajuntar as moças aldeanas,
praticando nos tempos que já foram.
De amores falarão, de seus prazeres
doce-amargos, do amante que tiveram,
dos dotes, das virtudes, que o prendavam.
Então dirão talvez:

— «De nós bem perto,
«n'este humilde logar jaz um poeta,
«que a ninguem offendeu, que amava a todos;

«da virtude e do amor doce falava,
«e nos deixou cantigas de ternura.»

Ledas em derredor do meu sepulcro
sentar-se-hão; j'alvo rancho! e minhas trovas
repetidas irão de bocca em bocca.
E alguma entoará com tom saudoso
da minha mocidade o melhor canto;
repetil-o-hão do cemiterio os eccos;
e um doce orvalho afagará meus manes.

Quando, por traz da torre d'essa egreja,
começar de surgir vermelha a lua,
á aldeia volverão, cantando em côro;
e exclamarão, deixando-me:—«Descança,
«bom homem, dorme em paz um somno brando!
«Deus tenha em seu regaço o bom poeta,
«que a ninguem offendeu, que amava a todos,
«da virtude e do amor doce falava,
«e nos deixou cantigas de ternura.»

LXVII

O CAMPANARIO DE FÁRUM

POEMETO

Traduzido do dlnamarquez de Boye

Lá onde as águas placidas do Fárum
se vão por entre moitas e arvoredos
amorosas lançar no seio ao lago,
pacífica sorri formosa aldeia.
Primavera e verão lhe circumfundem
um mar, agora verde, agora d'oiro,
de sussurrantes trémulas searas.
D'entre a povoação campeia o templo,
que vermelho atravez ressaí dos ramos
de sabugueiros e chorões frondosos.
Co'o templo convisinha a residencia
(antes choça) do parocho singelo,
mal coberta de cômlo ao-pé das águas.

Era noite de outono, tempestuosa,
fria, medonha; pelos céos as nuvens
giravam tôrvas, rapidas; apenas
a espaços alvejava um raio frouxo
da perseguida lua.

E' noite velha;
unico o bom do parocho vigia

á luz de solitario candieiro,
que do mudo aposento espanca as trevas;
poisam na aberta Biblia os olhos fitos;
grave meditação lhe absorve a mente,
sôbre a morte, o peccado, os Céos, e a vida.
A' cinte o impertinente somno espalha;
que a uma pobre mulher, em vindo a aurora,
tem de ir levar piedoso o Pão Celeste,
provimento e confôrto á gran viagem.

Ouve uns sons, e estremece jáquellas horas
o sino grande!... ;e que toada extranha
que sai d'elle!... ;extranhissima! não vibra
como quando o tufão lhe mette os hombros,
o recurva, o balança, e manda a espaços
vans badaladas aos sumidos éccos:
parece mão subtil que lima o bronze.
Fecha o livro; alevanta-se cuidadoso;
não lhe põem medo espiritos nocturnos;
nunca tremeu das infernaes potencias;
não tem superstições; tem só piedade...

Mas... templo e campanario estão desertos;
de ambos se fecha a porta ao fim da tarde...
;Que é logo esse rumor? convem que o saiba.

Parte. Investe sósinho o cemiterio;
affoito lhe atravessa as mortas ruas;
abre a porta sagrada, e já se entranha
na profundez da nave silenciosa,
mal prateada de furtiva lua.
Pára, escuta... o silencio já não quebram
sons da tôrre nenhuns; ergue animoso
a voz rouca, essa voz, que tantas vezes
deu pallido terror ás almas ímpias:

«¿Quem ousa perturbar a paz da igreja?»
«¿Que temerario a pernoitar se atreve
«no lugar santo?» exclama.

Eccôa o brado
pela extensão da abóbada soturna,
e recai tudo em seu primeiro somno.

N'isto... um como suspiro eis vem da tôrre
estremecer-lhe o ouvido. — «¿Eia! eut'o ordeno,
«quem quer que sejas, apparece.»

Cala,
e escuta... pela escada uns passos brandos...
alguem é, que lá desce. Alça na dextra
tocha, que os passos, trémula, lhe rege;
vê vir do côro ao longo alvo menino,
que nas redondas faces não inculca
mais rosas que de oitava primavera,
porém essas ao sôpro desbotadas
de alguma pena grande. ¿Que thesoiro
na mãosinha trará que tanto a fecha!

«¿Não te enfades comigo!» em tom piedoso
o innocentinho diz; depois suspira.

«Não me castigues por ficar de noite
«sem licença na igreja. Quando a porta
«se abriu para ir tocar Ave-Marias
«entrei pé-ante pé, sem que me vissem;
«e escondi-me cá dentro; Deus bem sabe
«que não foi para mal.»

«¿E que buscavas
«do templo n'esta noite tempestuosa?»
interrompe o pastor maravilhado.

«¿Sósinho aqui nas trevas, quando os ventos
«estremecem bramindo tectos, muros!»

— «Sim, mas a minha mãe» volve o menino

«jaz ás portas da morte.»—E o chôro emtanto o suffocava todo.

«Animo, ó filho,»
acode o bom do parcho, «mui grave,
«bem o sei, é seu mal; auxilio d'homem
«pouco póde; mas Deus, que póde tudo,
«no abysmo da miséria acóde ás vezes;
«d'elle pendem, são d'elle, a morte e a vida.»
—«Assim vim eu pensando.»

—«Mas deixal-a
«no apêrto a que é chegada!»

—«E' que a ferrugem
«que se raspa de um sino á meia noite
«cura tudo; só hontem m'o disseram;
«por isso a vim buscar.»

—«¿Sósinho?»

—«Os outros
«tinham medo ás phantasmas; que as phantasmas
«são ruins, e de noite é que andam fóra.»
—«Mas tu não lh'es tens medo?»

—«Eu muito! E vi-as
«do meu cantinho andarem pela egreja
«todas alvas. Rezei a minha reza,
«sumiram-se; mas logo se me ergueram
«do sepulcro outra vez; algumas d'ellas
«conheci eu, parece-me; tremia...
«sem as querer olhar, e olhava-as sempre!
«quiz tornar a rezar; tomou-me o susto;
«não pude: co'a afflicção cantei aos gritos
«a oração, com que já de pequenino
«minha mãe me embalava em seu regaço:

«Entrae, ruins espiritos,
no lume eterno e fôsko;
espiritos angelicos,
vós ficareis connosco;

dareis co'as asas candidas
abrigo ao vosso irmão.

«Vós sois os primogenitos
de todo o innocentinho;
para entre nós trouxestel-o
do Ceo, seu patrio ninho;
no valle pois das lagrimas
lhe dae consolação.»

«E eu derramava lagrimas, pensando...
«na morte... d'ella. Tomei força, ergui-me,
«subi; quando eu subia estava dando
«a meia noite, mas não vi mais almas.
«Quando cheguei a cima, e dei co'os olhos
«no céu roto de estrellas, que me ria
«das ventanas da torre todas quatro,
«e achei o vento, e percebi lá embaixo
«o ramalhar das árvores, fui outro:
«parecia-me aquillo uma gaiola,
«e eu dentro um passarinho a espanejar-me
«todo contente; vou-me logo ao sino,
«e raspo o mugre. ¿Vêdel-o? Esperava
«que rompesse a manhan, que alguém viesse
«abrir, para eu correr á nossa casa.
«Que isto ha-de-m'a salvar, sei-o eu de certo.»

— «Fé, bom mocinho, fé. Deus ama os filhos
«que assim amam seus paes; e póde tudo.
«Póde mudar, querendo, a noite em dia.
«Que tu és bom sabe elle; as nossas preces
«sabemos nós que elle ouve, e que as despacha.»—

Diz; e em frente do altar ambos se prostram.
E em quanto pelas faces mudamente
lhes corriam as lagrimas, soava
como o esvoaçar das legiões celestes
o temporal nocturno; canta o vento

pelos canudos do orgam; Pelo côro
como que uns hymnos soam; clara a lua,
na abóbada dos céos lâmpada eterna,
resplendia; os tocheiros prateados
se accenderam per si. «Partâmos, filho,
«vamos ver tua mãe. nenhuns phantasmas
«virão já saltar o teu caminho.
«O que a mão do Senhor com letras de astros
«escreve n'essa página infinita,
«que por cima de nós se desenrola,
«não o lê tu, nem eu; ninguém o alcança,
«mas, confiar em Deus!...» «Sim, vamos, vamos...
«;Oh!... se eu confio n'elle!... ;oh! se me alegro...
«;E não sabeis porquê? porque esta noite,
«por diante de mim, quando rezava,
«vi passar uma festa, a mais galante
«festa, que nunca eu vi: um rancho de Anjos,
«nenhum maior do que eu; mais pequeninos
«muitos, e todos muito mais formosos;
«azas de oiro e de azul; azues os olhos;
«cabellos de oiro; as boccas todas riso;
«as faces todas rosa, e tão ligeiros,
«que adivinhei, pois nada me disseram,
«que era Deus quem dos Céos os enviava
«a trazer á choupana algum confôrto.
«;Oh minha boa mãe! Partâmos.» Partem;
lá correm.

Vão de Anjo apoz si deixa
té os vãos do humano pensamento,
como ave, que atravessa os ares livres,
perde de vista a serpe, que entre sarças
rasteja fadigosa. Mal teria
dado tres pulsações o alvoroçado
coração do menino, quando os Anjos
poisavam já na terra, eram na choça,
ventilavam co'as azas de oiro a enfôrma.

Estes mesmos em tórno ao pequenino,
sem n o elle presumir, tinham girado,
em quanto a alva mãosinha ao bronze escuro
furtava o bento pó; que o som piedoso
de um sino attraí, namora, enleva os Anjos.

Bafejado nos olhos moribundos
plácido somno, o côro bemfazejo
já se era emfim tornado ao patrio Empyrio,
quando o filho e o Pastor colhendo o fôlego,
aberta manso a porta, o pé furtivo,
suspense, duvidoso, a vista anciosa,
a alma no ouvido, entraram no aposento.
Respirava saude a pobresinha;
dormia... je tão serena! a luz brilhava
na candeia, pouco ha decrepitante
em moribundas vascas. A enfermeira
descuidosa dormia. Viram sonhos
andar nos labios pallidos sorrindo,
e no interior dos dois cantou a esp'rança
em muda voz seu hymno agradecido.

Pouco tardou que o somno regalado
se esvahisse. A ditosa mãe ressurgue
agil, vivaz, contente... e abraça o filho...

Cantar as doces lagrimas de todos,
harpas dos Seraphins, a vós pertence. *

* De todas as precedentes traducções do dinamarchez, a única foi esta em que me permitti alguma liberdade, não cortando, se não accrescentando, e não no principal se não nos ornamentos accessorios.

LXVIII

O ACALENTAR DA NETA

XÁCARA

Dorme, dorme, minha neta,
senão não sou tua amiga;
dorme que eu te embalo o berço,
e te canto uma cantiga.

Vai a bella Dona Ausenda
caminho de Palestina,
leva trajo de romeiro,
com seu bordão e esclavina.

Dona Ausenda, Dona Ausenda,
em sabendo que és fugida,
tua mãe cahirá morta,
e tuas irmans sem vida.

Pouco importa a Dona Ausenda
quem na Hespanha morra ou viva;
vai em busca de sua alma,
que em Palestina é captiva.

De lá lhe vieram cartas,
e uma carta lhe dizia:
«Teu amigo, Dona Ausenda,
«chora de noite e de dia.

«As cadeias não lhe pezam;
«pezas-lhe tu, porque scisma
«que ha-de morrer sem mais vêr-te,
«nem vêr-te quer na moirisma.»

Dorme, dorme, minha neta,
e tu, fuso, fia, fia;
eu canto á minha candeia,
ao pé da Virgem Maria.

Vendeu joias e arrecadas,
comprou bordão e esclavina;
e trajada de romeiro
já demanda a Palestina.

Vai pedindo pelas portas,
por sóes e chuvas caminha;
trabalhos não a quebrantam,
com elles vai mais asinha.

Uma tarde, era sol posto,
quando avistou uma ermida;
era de Nossa Senhora;
Mãe dos homens se appellida.

Dorme, dorme, minha neta.
e tu, fuso, fia, fia;
eu canto á minha candeia,
mercê da Virgem Maria.

Os sóccos descalça á porta,
e ajoelha com fé viva,
pedindo lhe restitua
sua alma que jaz captiva.

Os olhos da Virgem Santa
deram mostras de affligida;
ergueu-se um vento da serra....
que toda tremeu a ermida.

Coitada de Dona Ausenda,
mais triste sai, do que vinha.
Cerrou-se-lhe logo a noite;
;e ella nos bosques sósinha!

Queria andar, e não poudé,
que o grande escuro a tolhia;
necessitava encostar-se,
tinha medo, e não dormia.

N'uma raiz poisa a face,
o corpo em folhas reclina,
com suas penas conversa,
;coitada da peregrina!

«Perdi a terra e o palacio,
«perdi a mãe que lá tinha,
«perco-me agora a mim mesma,
«e o que procurando vinha.

«Dom Giraldo, Dom Giraldo,
«só a fé não é perdida,
«pois tu sabes que eu te adoro,
«e eu sei como sou querida.

«Peço ao meu Anjo da guarda,
«se hei-de aqui ficar perdida,
«que vá levar-te por sonhos
«esta minha despedida.»

Assim dizia a formosa
Dona Ausenda de Molina;
e ao dizer *anjo da guarda*,
lembrou-lhe a irman pequenina.

Dorme, dorme, minha neta,
e tu, fuso, fia, fia;
eu canto á minha candeia,
e sou da Virgem Maria.

Então dos olhos cançados
lhe borbotou a dôr viva,
e ouviu folhas abanadas,
e viu uma luz esquiva.

Logo para aquella parte,
porque o pavor a conquista,
em joelhos, com mãos postas,
de relance estende a vista.

E viu uma sombra grande,
que mui devagar caminha;
quiz rezar, benzeu-se errado,
não deu co'a Salve Rainha.

Dorme, dorme, minha neta,
e tu, fuso, fia, fia;
eu canto á minha candeia;
guarde-me a Virgem Maria.

O andar do phantasma branco
nenhum ruído fazia;
parou, e pôz nella os olhos;
mas eram terra, não via.

Estendeu-lhe os braços longos,
e co'uma voz, como briza,
lhe diz: «Eu sou Dom Giraldo,
«que em mim já se não diviza.

«Tu buscavas o captivo,
«eu procuro a peregrina;
«tua alma quer Deus que esteja
«co'o meu corpo em Palestina.

«Os nossos Anjos da guarda
«deram palavra sem lingua,
«que á meia noite aqui mesmo
«findaria a nossa mímica.

«Deus á alma envia um corpo,
«e ao corpo uma alma envia...»
Já estas finaes palavras
Dona Ausenda não ouvia.

Dorme, dorme, minha neta,
e tu, fuso, fia, fia,
que eu canto ao pé da candeia,
que accendo á Virgem Maria.

Tinha dado a meia noite,
e Dona Ausenda cahira.
;Ai! ;Jaz morta a Dona Ausenda,
que tantas penas sentira!

;Quem ha-de enterrar seu corpo
n'essa noite desabrida,
ou quem aos pés da Senhora
a irá sepultar na ermida?

;E a alma de D. Giraldo,
que tão solitaria fica,
não terá padre que rese,
o que por almas se applica!

Mas nunca mais na floresta
nenhuma coisa foi vista:
os que o sitio teem buscado
nunca lhe acharam a pista.

Dorme, dome, minha neta,
e tu, fuso, fia, fia;
eu canto á minha candeia,
e rezo á Virgem Maria.

N'essa noite, á meia noite,
indo o sete-estrello acima,
calou de repente as vozes
môcho que maguas lastima.

E o gallo, que por taes horas
com seu canto á reza excita,
bateu as azas calado
ao pé do leito do ermita.

Tocou sem mão a sineta,
abriu-se a porta da ermida,
as vélas do altar accezas,
a Senhora mui garrida.

Dorme, dorme, minha neta,
e tu, fuso, fia, fia;
eu canto á minha candeia,
e vejo a Virgem Maria.

E entrou a orar um extranho...
peregrino, ou peregrina,
que de tudo dava mostras,
e falava em Palestina.

Se ia ou vinha, nunca o disse,
quando o ermita o requeria,
que ora falava em ser volta,
ora falava que se ia.

E disse: «A Deus me encommenda
«por tres, mais tres e tres dias,
«que ao cabo de uma novena
«findarão mil agonias.»

Ora n'essa mesma noite
quiz a bondade divina,
que outra novidade grande
succedesse em Palestina.

Da cóva de Dom Giraldo,
á meia noite precisa,
surgiu um corpo defunto,
que a todos atemorisa.

Dorme, dorme, minha neta,
e tu, fuso, fia, fia;
eu canto á minha candeia,
oiça-me a Virgem Maris.

E veio uma alma voando,
que pelos ares foi vista,
Nossa Senhora a guiava,
vinha-lhe um Anjo na pista.

Metteu-se dentro ao finado,
e o finado cobrou vida;
pôz-se co'o Anjo a caminho;
a Senhora era já ida.

Como a novena acabava
ao cabo do nono dia,
vinha pela ermida entrando
outro romeiro á porfia.

E este assim como o primeiro
muito ao velho desatina,
que tambem não cai na conta
se é romeiro ou peregrina.

Os dois romeiros se olhavam,
e a mãe dos homens sorria;
o ermita estava pasmado,
e um padre moço appar'cia.

Por debaixo do roquête,
que era neve sem mentira,
reluziam duas azas
ambas de prata e saphira.

Tomou-lhes as mãos direitas
com signaes de muita estima,
e disse: *Conjuncto-vos*:
E pôz-lhe a estóla por cima.

Dorme, dorme, minha neta,
e tu, fuso, fia, fia;
eu canto á minha candeia,
louvor á Virgem Maria.

Nove annos eram passados,
e apoz nove annos um dia,
quando ao dar da meia noite
lá na porta se batia.

Como se abriu a capella,
logo entrou por ella acima
um caixão com dois defuntos,
todo de obra muito prima.

Dorme, dorme, minha neta,
e tu, fuso, fia, fia;
eu canto á minha candeia,
e estou co'a Virgem Maria.

Vinham ambos abraçados,
com mostras de quem dormia,
com c'rôas de flores brancas,
e ninguem os lá trasia.

Mãos que pegavam á argola
eram mãos que se não viam.
nem se enxergava pessoa
nos cantares que se ouviam.

Dorme, dorme, minha neta,
e tu, fuso, fia, fia;
eu canto á minha candeia,
ao pé da Virgem Maria.

Foi escrita esta memória
n'uma tábua bem polida,
que inda agora na Biscaya
se vai vêr áquella ermida.

A campa ficou sem nomes;
mas toda a gente dizia,
que era Ausenda e Dom Giraldo,
filhos da Virgem Maria.

Por devoção que um e outro
com o santo Rosario tinha,
inda por morte casaram,
sendo a Senhora madrinha.

Dorme, dorme, minha neta,
que tenho a rocada finda;
âmanhan, querendo a Virgem,
te direi outra mais linda.



